LIVRO TEXTO
FILOSOFIA
EAD.FAMINAS
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Sumário

UNIDADE I – A ATITUDE FILOSÓFICA

Objetivos

- ✓ Compreender as principais ideias que permeiam a origem e compreensão da Filosofia.
- ✓ Estabelecer a diferença entre mito e filosofia.
- ✓ Perceber que a busca pelo saber está presente na vida humana desde a origem das primeiras civilizações.

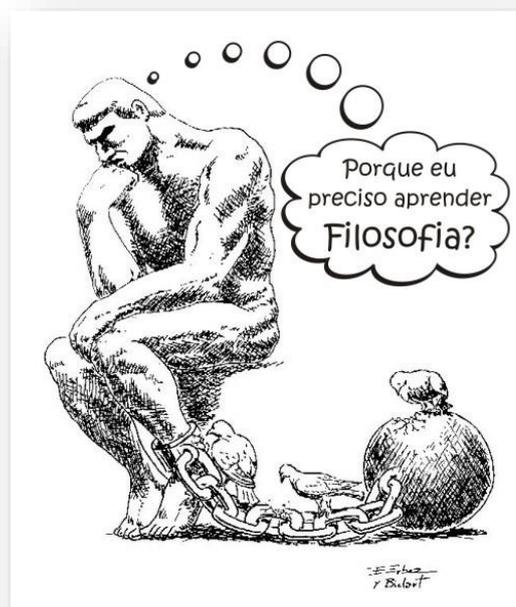



Figura 01

“Não se ensina Filosofia, ensina-se a filosofar” Kant

O tema Filosofia sempre foi um assunto difícil para aqueles que nunca conseguiram captar sua mensagem ou mesmo não perceberam seu significado. Sempre repassada de forma densa e distante da realidade humana acabou por se tornar algo indesejado. Portanto, tentaremos trazer uma proposta mais agradável e acessível a você, para que, através de uma reconstituição e compreensão de alguns filósofos, consiga entender, neste ir e vir histórico, a realidade que nos cerca de maneira mais crítica.

O que é o ato de filosofar?

- O simples fato de pensar?
- O sinônimo de saber viver?
- Ou o filosofar propriamente dito?

Observamos que o verbo filosofar pode ser usado em três significados distintos.

No primeiro caso, (o simples fato de pensar) leva a uma compreensão de mundo de uma maneira muito superficial, sem um aprofundamento científico das explicações existenciais. Pensamos sobre a morte, a vida, as decepções, mas são deduções vagas de uma realidade.

No segundo exemplo, observa-se uma tentativa de saber viver humano na intenção de buscar, por sua sabedoria própria a partir de alguns valores e virtudes explicação mais próxima das coisas. No último caso, aí sim, afirmamos categoricamente que o homem procura a explicação racional dos fatos, como forma de melhor viver.

“Filosofar, portanto, é encontrar a verdade por meio da razão” (CORDI et al, 1995). É muito mais uma atitude em busca de soluções de nossos problemas e não apenas simplesmente um conteúdo a ser apreendido. É ação mesclada com razão!

As indagações são próprias do ser humano há muitos anos... mesmo não dando conta, filosofamos a todo momento, mesmo de forma desordenada, mas obviamente que quando nos organizamos e procuramos cientificamente a resposta, melhor podem ser as decisões.

Perguntamos sobre nós mesmos, sobre o mundo, a lua, os seres vivos e não vivos, sobre a natureza, enfim, sobre tudo. Mas estas investigações humanas não surgem por acaso...

Vemos, pois, que a Filosofia é muito mais uma atitude e não somente um conteúdo a ser apreendido.

São muitas as indagações que tentamos desvendar ou descobrir, não é mesmo?

Mas acredite que a partir delas conseguiremos responder a uma série de problemas que nos rodeiam no mundo atual, o que nos proporcionará um entendimento de nós e da sociedade em que estamos inseridos.

MAFALDA DE QUINO

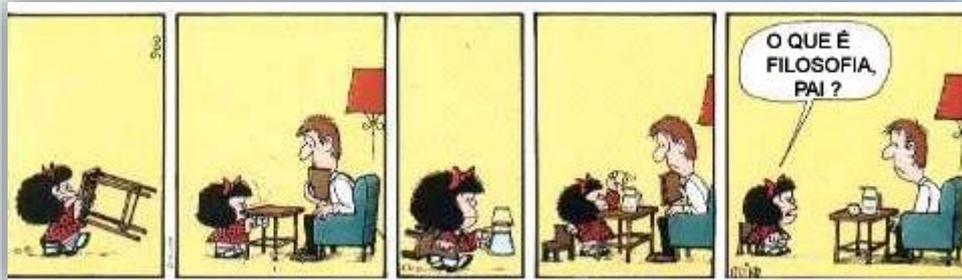



Figura 02

O que leva os homens a buscarem o conhecimento?

Causa-nos espanto, e até mesmo certo desconforto tudo aquilo que não conseguimos explicar, e por não conseguirmos dar conta da situação tentamos a todo custo desvendar o que está oculto. O espanto e o estranhamento humano serão, então, o ponto de partida para o início do ato de filosofar. Explicações a início simples, não pautadas em explicações científicas, farão parte do cenário inicial pela busca do saber humano.

Os homens buscarão nos mitos a primeira tentativa de explicação da realidade.

Porém, a filosofia propriamente dita surge na Grécia, por volta dos séculos V a VI A.C, numa ocasião em que os mitos não mais darão conta das explicações humanas.

Figura 03 – Zeus e Hera

Você compreende o que são os mitos?
Que tal uma pesquisa para melhor entendê-los?

Por que surgem como primeira indagação humana de explicação das coisas?

Assim agindo, você terá melhores condições de entendimento dos passos que se seguirão adiante.

LIVROS SUGERIDOS

Segue abaixo um roteiro de pesquisa para o entendimento de alguns deles, mas é claro, se observarem outros mitos será prazeroso dialogarmos...

- Mundo da criação do mundo segundo Hesíodo;
- Urano, Cronos e Zeus, Apolo, Afrodite;
- Narciso;
- Algumas lendas de povos indígenas.
- A relação existente entre mito e crendices.
- Esta relação existe?

Faça essas pesquisas, e poste uma síntese no Fórum tira dúvida para ampliarmos nosso conhecimento.

Observe que os mitos são construídos e reconstruídos durante os tempos e até hoje temos muitos exemplos deles. Na sua cidade e região, você poderia lembrar algum mito reproduzido? Acredito que sim. Conte-nos no **Fórum** que está presente no ambiente EAD. Tanto o mito quanto a filosofia são tentativas de explicações que tentam responder questionamentos sobre o sentido da vida, do homem, da natureza, do universo, como meio de justificar as normas sociais, políticas, éticas e religiosas da própria comunidade.

Porém, durante bom tempo na história grega, o mito foi à única forma de explicação humana. O mito surge, então, como forma de "estranhamento" e "espanto" ao mundo que cerca o homem em um momento em que não existiam outras formas de explicações.

MITO E FILOSOFIA

Mito e Filosofia, portanto, se diferem em seus fundamentos de argumentação.

MITO	FILOSOFIA
O mito é uma narrativa imaginária que estrutura e organiza de forma criativa as crenças culturais.	A filosofia enquanto ciência surge para dar um novo sentido de verdade às coisas. Deveria ter um "conhecimento definitivo", necessário e "absoluto".

O filósofo grego procura uma ordenação dos fatos em busca de uma lei que justifique o seu aparecimento. É a procura na multiplicidade de um princípio único, mesmo entendendo hoje que esta busca pelo conhecimento não esgota nunca.

“Filosofar é, basicamente, admirar a realidade tal como ela existe; é deixá-la falar por si mesma; é saber contemplá-la sem projetar temores místicos e crenças fantasiosas. ” (CORDI, et al, 1995).

Assim, todos filosofam independente de classe, posição social, situação econômica, mesmo que não tenha consciência. A busca do conhecimento é para todos e não apenas para um grupo, o que possibilita aos homens sua libertação, mesmo que para isto coloquem em risco todas as ordens vigentes.

Infelizmente o homem muitas vezes se acomoda... temos medo do desconhecido, a busca da verdade ou a busca pela essência das coisas (aquilo que a coisa realmente é) nos apavora. Quando buscamos a essência das coisas teremos novas respostas e indagações, até que cheguemos ao silêncio, como reposta; mas não como indagação vazia. O silêncio não é o abrigo do nada, mas onde a própria essência humana encontra meios de falar através de suas necessidades da razão e do amor.

Por um acaso você já teve oportunidade de se encontrar em silêncio profundo consigo mesmo?

Sentiu solidão ou encontrou alguma saída de soluções mais profundas? Falamos apenas por sons vocais expressos ou falamos pelo olhar, pelo tocar, pelo sentir?

Mas temos medo do desconhecido, não é mesmo? Neste sentido temos que ter coragem para enfrentar as barreiras existentes no mundo e trazer de volta a si mesmo. Esta é a busca pela essência da vida e a missão da filosofia.

LIVROS SUGERIDOS

Sugerir Vídeos Filme: Troia

Equivale a um período épico da mitologia grega em que é retratado de forma modificada, num filme baseado em um romance e guerra.

O que carece de entender é a forma de explicação mítica dos povos antigos, bem como a forma de domínio de um povo sore outro.

Link trailer original do filme: **https://www.youtube.com/watch?v=enJYNuWBJ9g**

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

1. De acordo com a atitude filosófica e quanto ao fato em que está envolvido o processo de filosofar, o que há de fundamental na atitude filosófica é

a) estar preocupado com respostas tidas como absurdas e sem valor, estar atento a grandes respostas, conhecer de tudo.
b) ter a capacidade de indagar, perguntar como é a coisa, por que é assim e para que é assim.
c) indagar sempre, importar com coisas grandiosas, conhecer o mundo em seu todo.
d) ter um conhecimento de si e do mundo, ter respostas prontas, estar atento às transformações do mundo.

2. Discutir qual seria a origem da filosofia era algo comum entre os filósofos. Nessa discussão algumas são bastante singulares, enquanto outras conclusões se tornam quase consensuais. Neste grupo, está, por exemplo, a consideração sobre o espaço geográfico de onde veio este tipo de pensamento que ainda chamamos de filosofia. Segundo Marilena Chaui, a filosofia entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causa das ações humanas e do próprio pensamento, é um fato tipicamente,

a) indu.
b) grego.
c) árabe.
d) persa.

3. A filosofia possui não apenas data e espaço dos quais se originou. Ele teria um conteúdo preciso ao nascer. Este conteúdo é a

a) mitologia.
b) antropologia.
c) física.
d) matemática.

4. Os primeiros filósofos descobriram que a totalidade das coisas é a fonte tem luz própria, tem uma evidência luminosa, clara como o sol, que fala a inteligência por si mesma, sem intermediários; é a fonte de conhecimento independente. Baseada nesta idéia é **CORRETO** afirmar que a Filosofia

a) é prioridade de um grupo social.
b) depende de livros, sagrados, doutrina oculta e que dispensa ritos de iniciação.
c) está nos aprendizados derivados a partir dos mitos.
d) é uma ciência presente apenas nos laboratórios.

5. De acordo com Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (1986) Vivemos num mundo marcado por buscas de resultados imediatos do conhecimento. Entretanto, não ter utilidade imediata não significa ser desnecessário. De acordo com a utilidade da filosofia todas as alternativas estão corretas, **EXCETO.**

a) Está no fato de que ela, por meio da reflexão, permite que o homem tenha mais de uma dimensão.
b) É ela que permite o distanciamento para a avaliação dos fundamentos dos atos humanos e dos fins a que eles se destinam.
c) Ela reúne o pensamento fragmentado da ciência e o reconstrói na sua unidade.
d) Ela está intimamente ligada ao conhecimento humano, o que lhe proporciona uma visão definitiva da realidade em que o cerca.

GABARITO ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

1	2	3	4	5
B	B	A	C	D

REFERÊNCIA

CORDI, C.; SANTOS, A. R.; BÓRIO, E. et al. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 1995.

Figura 01 disponível em: < http://lefisfln.files.wordpress.com/2009/11/pensador.jpg >
Acesso em: agosto 2014.

Figura 02 disponível em: QUINO. J. L. **Toda a Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
Acesso em: agosto 2014.

Figura 03 : <http://www.esdc.com.br/imagens/zeusehera.jpg>
Acesso em: agosto 2014.

Figura 04 < http://espacoescolar.com.br/escolas/banida-das-escolas-desde-a-ditadura-filosofia-vai-ter-livros-didaticos-distribuidos-na-rede-publica-em-2012/>
Acesso: agosto 2014.

UNIDADE II – UMA VISÃO PANORÂMICA DO INÍCIO DA FILOSOFIA GREGA

Objetivos

- ✓ Analisar as principais ideias dos filósofos Pré-Socráticos.
- ✓ Apresentar os principais conceitos sobre a filosofia antiga (clássica) dando um maior foco ao pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles; e
- ✓ Refletir sobre os conceitos bem como sua aplicabilidade.

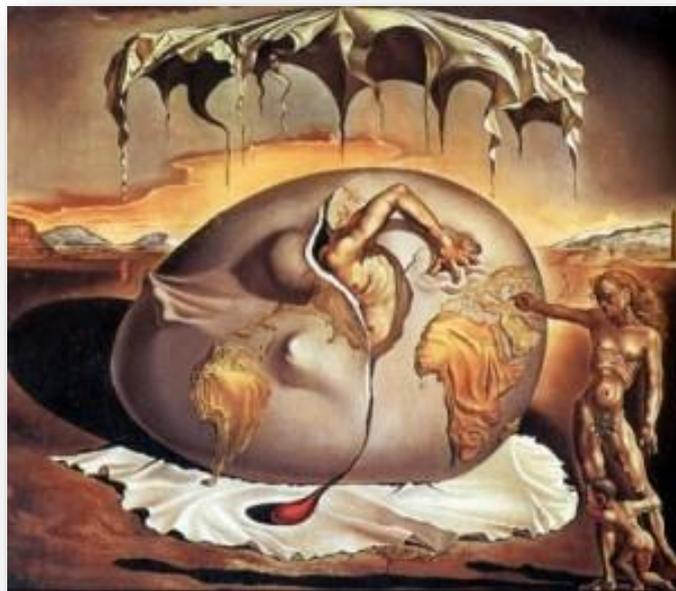



Figura 01

Nesta Unidade II, voltaremos o estudo para a filosofia propriamente dita e a construção de uma filosofia grega. O que tal afirmativa significa?

Observem que a filosofia surge através do mito. Essa narrativa imaginária, apesar de fantasiosa é impregnada de sabedoria, porém, não dá conta de explicações gerais. A verdade precisaria ser universal.

As primeiras tentativas de construção do verdadeiro, na tentativa de compreensão do mundo, do universo, da realidade (do cosmos) numa busca de explicação racional das coisas surgem entre os pré-socráticos, os filósofos gregos que precederam Sócrates, e que viveram entre o fim do século VII a.C e o fim do século V a.C.

Possui, porém, um sentido mais profundo: os primeiros marcos da filosofia grega e podem considerar como a própria filosofia, por ser neles que se erigiu a filosofia autêntica e indubitável (MARIAS, 1987).

Os pré-socráticos buscavam a origem natural do universo, as transformações que ocorriam e seu destino. Para isso, utilizavam aforismo, isto é, uma expressão moral que é compreendida por meio de poucas palavras para relatar sobre a natureza utilizando conceitos metafísicos e místico-religiosos.

Segundo Pires, o termo "aforismo" é oriundo do grego "aphorismós" e significa "limitação, definição breve, sentença", aproximando-se de provérbio, adágio, entre outros assemelhados. Veja a seguir um exemplo de aforismo.

"Não sou nem ateniense, nem grego, as sim um cidadão do mundo. "
(Sócrates)

Os pré-socráticos se originaram em Mileto, Éfeso, Samos, Clazômena, Crotona, Tarento, Eléia, Agrigento e Trácia. Dentre os filósofos dessa época, pode-se destacar:

Tales de Mileto (624-548 a.C.) **-** Foi um dos filósofos que acreditava que as coisas têm por trás de si um princípio físico, material, **chamado arché.** Para Tales, o **arché seria a água**. Tales observou que o calor necessita de água, que o morto resseca, que a natureza é úmida, que os germens são úmidos, que os alimentos contêm seiva, e concluiu que o princípio de tudo era a água. Com essa afirmação deduz-se que a existência singular não possui autonomia alguma, apenas algo acidental, uma modificação. A existência singular é passageira, modifica-se. A água é um momento no todo em geral, um elemento. Tales com essa afirmação queria descobrir um elemento físico que fosse constante em todas as coisas. Algo que fosse o princípio unificador de todos os seres.

PRINCIPAIS FRAGMENTOS:

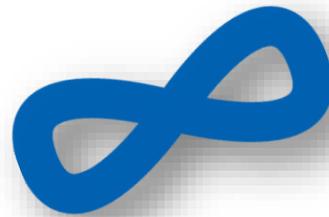
"...a Água é o princípio de todas as coisas...".

"... todas as coisas estão cheias de deuses...".

Anaximandro de Mileto (611-547 a.C.) - Para Anaximandro o princípio das coisas **- o arché** - não era algo visível; **era uma substância etérea, infinita**. Chamou a essa substância de **apeíron** (indeterminado, infinito). O apeíron seria uma "massa geradora" dos seres, contendo em si todos os elementos contrários. Anaximandro tinha um argumento contra Tales: o ar é frio, a água é úmida, e o fogo é quente, e essas coisas são antagônicas entre si, portanto o elemento primordial não poderia ser um dos elementos visíveis, teria que ser um elemento neutro, que está presente em tudo, mas está invisível.

PRINCIPAIS FRAGMENTOS:

"... o ilimitado é eterno..."

"... o ilimitado é imortal e indissolúvel..."

Anaxímenes de Mileto (588-524 a.C.) Ele pensava que **a origem de todas as coisas teria de ser o ar ou o vapor**. Anaxímenes conhecia claro, a teoria da água de Tales. Mas de onde vem a água? Anaxímenes acreditava que a água seria ar condensado. Acreditava também que o fogo seria ar rarefeito. De acordo com Anaxímenes, por conseguinte, o ar ("pneuma") constituiria a origem da terra, da água e do fogo.

CONCLUSÃO

Os três filósofos milésios acreditavam na existência de uma substancia básica única, que seria a origem de todas as coisas. No entanto, isso deixaria sem solução o problema da mudança. Como poderia uma substancia se transformar repentinamente em outra coisa?

A partir de cerca de 500 a.C., quem se interessou por essa questão foi um grupo de filósofos da colônia grega de Eléia, no sul da Itália, por isso conhecidos como eleatas. Nessa escola encontramos quatro grandes filósofos: Xenófanes, Parmênides, Zenão e Melisso. A proposta dos filósofos desta escola era estabelecer uma comparação entre o valor do conhecimento sensível e o do conhecimento racional.

Heráclito (c. 540-476 a.C.) Era de Éfeso, na Ásia Menor. Heráclito propunha que a matéria básica do Universo seria o fogo. Pensava também que a mudança constante, ou o fluxo, seria a característica mais elementar da Natureza. Podemos talvez dizer que Heráclito acreditava que percebia. Tudo flui, disse Heráclito. Tudo está em fluxo e movimento constante, nada permanece. Por conseguinte, “não entramos duas vezes no mesmo rio”. Quando entro no rio pela segunda vez, nem eu nem o rio somos os mesmos.

Pitágoras de Samos (c.582-497 a.C) Pitágoras, o fundador da escola pitagórica, nasceu em Samos e em 532 foi para a Itália, na Magna Grécia, e **fundou uma associação científico-ético-política**, em Crotona, colônia grega, que foi o centro de irradiação da escola e encontrou partidários entre os gregos da Itália meridional e da Sicília. Pitágoras aspirava - e também conseguiu - a fazer com que a educação ética da escola se ampliasse e se tornasse reforma política; isto, porém, levantou oposições contra ele e foi constrangido a deixar Crotona, mudando-se para Metaponto, aí morrendo provavelmente em 497 a.C.

ELEMENTO PRIMORDIAL:

Teoremas matemáticos

O APOGEU DA FILOSOFIA GREGA

Figura 02

O século V a.C, na Grécia, uma série de acontecimentos contribuíram para que esse período marcasse toda História Ocidental. Caracteriza-se pelo retorno do homem a si mesmo. O homem agora preocupará em saber quem é derivado de algumas ideias extrínsecas à filosofia: o predomínio de Atenas, o triunfo da democracia, tão divulgados e tão distantes no mundo atual.

O homem de belo corpo e com dotes notáveis passam dar nova roupagem a Grécia. Não mais o eixo das investigações é a natureza, mas a filosofia volta-se para o próprio homem, o mundo e a cultura.

O representante característico do início desta época será os sofistas.

O movimento sofista aparece na Grécia no século V a.C e caracterizam por alguns aspectos: são professores ambulantes que vão de cidade em cidade, ensinando os jovens; ensinam por dinheiro, mediante uma retribuição. Conquistavam grande êxito social: oradores e retóricos e fundamentalmente pedagogos. Tinham convicção de que tudo sabiam e tudo ensinavam. É uma filosofia aparente, que não é sabedoria.

Apesar da existência dos sofistas na Grécia antiga, foi nesta região que a filosofia teve seu apogeu. Dentre os grandes filósofos gregos destacam: Sócrates, Platão e Aristóteles.

SÓCRATES (470-399 a.C)

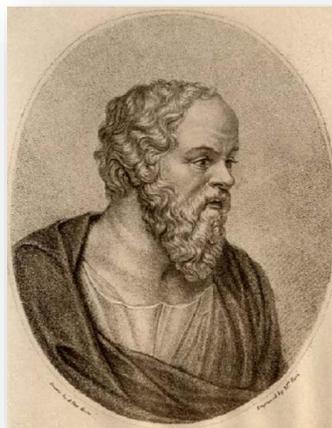



Figura 03

Filho de um escultor e uma parteira, dizia que sua arte era como da sua mãe, uma maiêutica, a arte de parturejar a verdade.

A maior manifestação socrática é contra os sofistas. Em confronto com os discursos retóricos dos sofistas, Sócrates baseia-se no método de perguntas e respostas, fundamentado em raciocínios indutivos e a definição universal. Partia, então, daquilo que não conhecia, pela ignorância, o que seria a grande causa do mal, daí a necessidade de ser sempre um detetive intelectual, tendo consciência de que “Sei que nada sei”.
A ética socrática baseia-se na preocupação do entender humano e a sua interioridade, daí a sua célebre frase: “Conhece-te a ti mesmo”, o que mostra um sentido de reflexibilidade e amadurecimento, na qual a virtude passa ter um papel fundamental.

Os discípulos de Sócrates, na sua grande maioria eram jovens, no qual ensinavam pelos jardins sagrado.

Figura 04

Em virtude de uma condenação por “impiedade” “ (Foi acusado de não crer nos deuses da cidade e corromper os jovens; mas por detrás das acusações, escondiam-se ressentimentos de vários tipos e manobras políticas) ...” “... era uma forma de pregador leigo exercendo imenso fascínio não somente nos jovens, mas também sobre os homens de todas as idades, o que lhe custou inúmeras aversões e inimizades. ” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 85). Tal fato levou a ser acusado à morte, mas preferiu o suicídio, através do envenenamento com cicuta, como apresenta a tela abaixo.

Figura 05

PLATÃO (417-347 a.C)

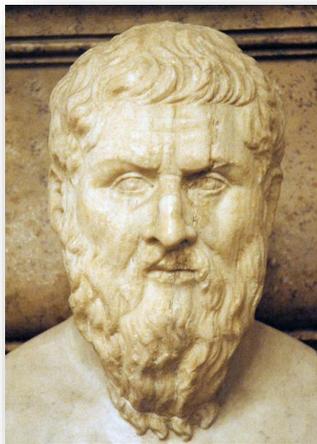



Figura 06

A morte de Sócrates marcou a vida de Platão, por ser um dos discípulos mais fiéis. Sendo de família aristocrata decepcionou com a política, o que lhe inspira no livro "A República" a tecer amplas críticas ao modelo ateniense de democracia, por considerar a morte de Sócrates uma das maiores injustiças de sua época, já que para ele, Sócrates era um dos seus maiores exemplos.

Qual o problema que preocupa Platão?

Platão busca **o ser das coisas**, mas isto lhe é altamente complexo, por que segundo ele as coisas não são. Se considerar, por exemplo, uma folha branca de papel, resulta, que, em rigor, não é branca. Ou seja, não é totalmente branca possuindo um tom acinzentado, amarelado. O mesmo observa com a forma, o tamanho, os lados. Esta folha nem sempre existiu. Na visão de Platão, dentro de alguns anos está folha deixaria de existir. Portanto, é branca ou não, é retangular ou não, é ou não é? O que é mesmo, não é de forma total e verdadeira.

Percebemos que esta teoria está intimamente relacionada à teoria do conhecimento.

Quem é que determina o ato do conhecimento: é o sujeito ou é o objeto?

Baseada nessas ideias é que teremos as bases do platonismo.

Platão estabelece a diferença entre o mundo sensível e o mundo inteligível.

As ideias estão separadas das coisas, o mundo inteligível está fora e acima do mundo sensível. A multiplicidade e instabilidade das coisas resultam de uma ilusão dos sentidos. A única realidade é objetiva, perfeita, são as ideias, não passando aquilo que vemos de pálidas representações daquelas. As coisas são cópias imperfeitas e fugazes de arquétipos de modelos ideais. É no mundo dos inteligíveis, situado na esfera celeste, que habitam as ideias, essência de tudo o que existe e de suas perfeições (PENHA, 1994, p.36).

Assim, Platão valoriza mais o mundo das ideias, em detrimento do mundo sensível.

O MITO DA CAVERNA

Figura 07

Imaginemos uma caverna separada do mundo externo por um alto muro. Entre o muro e o chão da caverna há uma fresta por onde passa um fino feixe de luz exterior, deixando a caverna na obscuridade quase completa. Desde o nascimento, geração após geração, seres humanos encontram-se ali, de costas para a entrada, acorrentados sem poder mover a cabeça nem se locomover, forçados a olhar apenas a parede do fundo, vivendo sem nunca ter visto o mundo exterior nem a luz do Sol, sem jamais ter efetivamente visto uns aos outros nem a si mesmos, mas apenas sombras dos outros e de si mesmos porque estão no escuro e imobilizados.

Abaixo do muro, do lado de dentro da caverna, há um fogo que ilumina vagamente o interior sombrio e faz com que as coisas que se passam do lado de fora sejam pro-jetadas como sombras nas paredes do fundo da caverna. Do lado de fora, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras ou imagens de homens, mulheres e animais cujas sombras também são projetadas na parede da caverna, como num teatro de fantoches. Os prisioneiros julgam que as sombras de coisas e pessoas, os sons de suas falas e as imagens que transportam nos ombros são as próprias coisas externas, e que os artefatos projetados são seres vivos que se movem e falam. Os prisioneiros se comunicam, dando nome às coisas que julgam ver (sem vê-las realmente, pois estão na obscuridade) e imaginam que o que escutam, e que não sabem que são sons vindos de fora, são as vozes das próprias sombras e não dos homens cujas imagens estão projetadas na parede; também imaginam que os sons produzidos pelos artefatos que esses homens carregam nos ombros são vozes de seres reais. Qual é, pois. a situação dessas pessoas aprisionadas? Tomam sombras por realidade, tanto as sombras das coisas e dos homens exteriores como as sombras dos artefatos fabricados por eles. Essa confusão, porém, não tem como causa a natureza dos prisioneiros e sim as condições adversas em que se encontram. Que aconteceria se fossem libertados dessa condição de miséria? Um dos prisioneiros, inconformado com a condição em que se encontra, decide abandoná-la. Fabrica um instrumento com o

qual quebra os grilhões. De início, move a cabeça, depois o corpo todo; a seguir, avança na direção do muro e o escala. Enfrentando os obstáculos de um caminho íngreme e difícil, sai da caverna. No primeiro instante, fica totalmente cego pela luminosidade do Sol, com a qual seus olhos não estão acostumados. Enche-se de dor por causa dos movimentos que seu corpo realiza pela primeira vez e pelo ofuscamento de seus olhos sob a luz externa, muito mais forte do que o fraco brilho do fogo que havia no interior da caverna. Sente-se dividido entre a incredulidade e o deslumbramento. Incredulidade porque será obrigado a decidir onde sé encontra a realidade: no que vê agora ou nas sombras em que sempre viveu. Deslumbramento (literalmente: ferido pela luz) porque seus olhos não conseguem ver com nitidez as coisas iluminadas. Seu primeiro impulso é o de retornar à caverna para livrar-se da dor e do espanto, atraído pela escuridão, que lhe parece mais acolhedora. Além disso, precisa aprender a ver e esse aprendizado é doloroso, fazendo-o desejar a caverna onde tudo lhe é familiar e conhecido. Sentindo-se sem disposição para regressar à caverna por causa da rudeza do caminho, o prisioneiro permanece no exterior. Aos poucos, habitua-se à luz e começa a ver o mundo. Encanta-se, tem a felicidade de finalmente ver as próprias coisas, descobrindo que estivera prisioneiro a vida toda e que em sua prisão vira apenas sombras. Doravante, desejará ficar longe da caverna para sempre e lutará com todas as suas forças para jamais regressar a ela. No entanto, não pode evitar lastimar a sorte dos outros prisioneiros e, por fim, toma a difícil decisão de regressar ao subterrâneo sombrio para contar aos demais o que viu e convencê-los a se libertarem também. Que lhe acontece nesse retorno? Os demais prisioneiros zombam dele, não acreditando em suas palavras e, se não conseguem silenciá-lo com suas caçoadas, tentam fazê-lo espancando-o. Se mesmo assim ele teima em afirmar o que viu e os convida a sair da caverna, certamente acabam por matá-lo. Mas, quem sabe alguns podem ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidir sair da caverna rumo à realidade. O que é a caverna? O mundo de aparências em que vi-vemos. Que são as sombras projetadas no fundo? As coi-sas que percebemos. Que são os grilhões e as correntes? Nossos preconceitos e opiniões, nossa crença de que o que estamos percebendo é a realidade. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz do Sol? A luz da verdade. O que é o mundo iluminado pelo sol da verdade? A realidade. Qual o instrumento que liberta o prisioneiro rebelde e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? (CHAUÍ, 2008).

ARISTÓTELES (384 a.C-322 a.C)

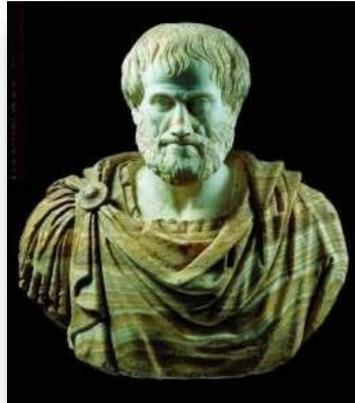



Figura 08

Aristóteles é visto como uma das figuras mais importantes, e um dos fundadores, da filosofia ocidental. Aluno de Platão, Aristóteles discorda de uma parte fundamental da filosofia. Platão concebia dois mundos existentes: aquele que é apreendido por nossos sentidos, o mundo concreto -, em constante mutação; e outro mundo - abstrato -, o das ideias, acessível somente pelo intelecto, imutável e independente do tempo e do espaço material. Aristóteles, ao contrário, defende a existência de um único mundo: este em que vivemos. O que está além de nossa experiência sensível não pode ser nada para nós.

A realidade é acessível aos sentidos e a inteligibilidade humana pode conhecer o real. A inteligência humana capta o que é possível pelos sentidos. Neste significado o intelecto é uma apreensão do concreto, o que define sua teoria de matéria e forma.

A matéria é o princípio da individualização e a forma a maneira como, em cada indivíduo, a matéria se organiza. A unidade resultante da união da matéria e da forma é uma unidade essencial, quer dizer que forma uma única essência ou espécie.

A união da matéria e da forma se faz sem intermediário, uma vez que a forma substancial é o ato primeiro da matéria. Ou dois princípios do corpo se unem então por si mesmos, sob a ação de um agente físico, e formam por si mesmos um corpo único, uma única substância (o homem, composto de um corpo e de uma alma, é um ser único).

Para Aristóteles, a Lógica é um instrumento, uma introdução para as ciências e para o conhecimento e baseia-se no silogismo, o raciocínio formalmente estruturado que supõe certas premissas colocadas previamente para que haja uma conclusão necessária. O

silogismo é dedutivo, parte do universal para o particular; a indução, ao contrário, parte do particular para o universal. Dessa forma, se forem verdadeiras as premissas, a conclusão, logicamente, também será.

NA LÓGICA ARISTOTÉLICA HÁ DUAS DIVISÕES

Lógica formal (ou menor)	Que estabelece a forma correta de aplicação das operações do pensamento. Se as regras foram aplicadas adequadamente, podemos concluir automaticamente.
Lógica material (ou maior)	É a parte da lógica que trata da aplicação das operações do pensamento segundo a matéria ou natureza dos objetos a conhecer.

A lógica estuda a razão como instrumento da ciência ou meio de adquirir e possuir a verdade, pelo ato de argumentar. Qualquer proposição é composta de pelo menos três categorias, que são palavras que designam algo. Ao fazermos um juízo sobre algo, combinamos estes termos. Exemplo: Todos os homens são falíveis. Este juízo combinado com outros, forma um raciocínio que pode ser lógico ou não (silogismo).

Todos os homens são falíveis.
João é homem.
Logo, João é falível.

O exemplo acima é um juízo lógico, mas poderia ser o contrário, um juízo falso, como exemplo:

Todos os homens são loiros.
Ora, eu sou homem.
Logo, eu sou loiro.

O silogismo é muito utilizado em todas as esferas sociais, como, por exemplo, em argumentações judiciárias. Caso não tenhamos um conhecimento da Lógica Aristotélica, não observamos as falhas nas categorias ou premissas utilizadas.

Em relação à metafísica, o seu termo não é aristotélico; o que hoje chamamos de metafísica era chamado por Aristóteles de filosofia primeira. Esta é a ciência que se ocupa com realidades que estão além das realidades físicas que possuem fácil e imediata apreensão sensorial.

O conceito de metafísica em Aristóteles é extremamente complexo e não há uma definição única. O filósofo deu quatro definições para metafísica:

1- A ciência que indaga e reflete acerca dos princípios e primeiras causas;
2- A ciência que indaga o ente enquanto aquilo que o constitui, enquanto o ser do ente;
3- A ciência que investiga as substâncias;
4- A ciência que investiga a substância suprassensível, ou seja, que excede o que é percebido através da materialidade e da experiência sensível.

Os conceitos de ato e de potência, matéria e forma, substância e acidente possuem especial importância na metafísica aristotélica. Trata da forma de classificar e dividir os seres em dois princípios constitutivos intrínsecos, pelo movimento.

Ato é o ser enquanto tal, com certa perfeição. Potência aquilo que não é, mas pode vir a ser. Exemplo: uma semente de laranja está em potência para ser em ato uma laranjeira e não outra coisa qualquer.

Para Aristóteles, existem quatro causas implicadas na existência de algo:

1- A causa material (aquilo do qual é feita alguma coisa, a argila, por exemplo);
2- A causa formal (a coisa em si, como um vaso de argila);
3- A causa eficiente (aquilo que dá origem ao processo em que a coisa surge, como as mãos de quem trabalha a argila);
4- A causa final (aquilo para o qual a coisa é feita, cite-se portar arranjos para enfeitar um ambiente).

A teoria aristotélica sobre as causas estende-se sobre toda a natureza, que é como um artista que age no interior das coisas.

No tópico a seguir, faremos um estudo sobre a filosofia cristã, que permeará toda Idade Média.

O MUNDO DE SOFIA

Trata-se de um romance baseado na História da Filosofia, baseado no livro do mesmo nome, escrito por Gardiner. Relata de maneira ampla desde as primeiras indagações humanas, fazendo um panorama geral do conhecimento filosófico em diversos períodos. Vale conferir!

LIVROS SUGERIDOS

Sugiro a leitura "A História da Filosofia antiga e a formação do pensamento ocidental"

Em um artigo simples, os autores conseguem dar conta de um universo amplo sobre a formação e evolução da filosofia grega, entendida como disciplina para a compreensão do homem e do mundo.

Link para o livro ou PDF se tiver
http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/HFAFPO.pdf

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

1. Sócrates teve um papel importantíssimo na configuração da Filosofia em Atenas, no século V a.C. Sobre este fato é **CORRETO** afirmar que,

a) Interpretar o mundo como sendo espiritual e desorganizado, segundo uma moral fundamentada em verdadeiros conceitos.
b) Compreender as causas primeiras e os fins últimos de todas as coisas.
c) Que o autoconhecimento poderia ser obtido por meio da maiêutica.
d) Fazer um estudo crítico da História, comparando a história grega com a dos povos orientais, a fim de mostrar que o mundo era mais amplo do que se imaginava.

2. Aluno de Platão, Aristóteles discorda de uma parte fundamental da filosofia. Platão concebia dois mundos existentes: aquele que é apreendido por nossos sentidos, o mundo concreto -, em constante mutação; e outro mundo - abstrato -, o das idéias, acessível somente pelo intelecto, imutável e independente do tempo e do espaço

material. Aristóteles, ao contrário, defende a existência de um único mundo: este em que vivemos. O que está além de nossa experiência sensível não pode ser nada para nós. Desta forma, todas as alternativas estão corretas, **EXCETO.**

a) A realidade é acessível aos sentidos e a inteligibilidade humana pode conhecer o real.
b) A inteligência humana capta o que é possível pelas idéias. O intelecto é uma apreensão do concreto, o que define sua teoria de matéria e forma.
c) A matéria é o princípio da individualização e a forma a maneira como, em cada indivíduo, a matéria se organiza.
d) A unidade resultante da união da matéria e da forma é uma unidade essencial, quer dizer que forma uma única essência ou espécie.

3. De acordo com Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (1986) a filosofia está intimamente ligada ao conhecimento humano, o que lhe proporciona uma visão próxima da realidade em que o cerca. De acordo com a utilidade e o conhecimento do saber filosófico todas as alternativas estão corretas, **EXCETO**.

a) Vivemos num mundo marcado por buscas de resultados imediatos do conhecimento. Entretanto, não ter utilidade imediata não significa ser desnecessário.
b) Está no fato de que ela, por meio da reflexão, permite que o homem tenha mais de uma dimensão.
c) É ela que permite o distanciamento para a avaliação dos fundamentos dos atos humanos e dos fins a que eles se destinam.
d) Ela não contribui e muito menos reúne o pensamento fragmentado da ciência e o reconstrói na sua unidade.

4. Dentre os Pré-Socráticos, **DESTACAMOS**.

a) Aristóteles, Sócrates, Tales de Mileto.
b) Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes.
c) Platão, Tales de Mileto, Sócrates.
d) Heráclito, Pitágoras, Aristóteles.

5. O homem de belo corpo e com dotes notáveis passam dar nova roupagem onde a filosofia se ergue. Não mais o eixo das investigações é a natureza, mas a filosofia volta-se para o próprio homem, o mundo e a cultura. O representante característico do início desta época será os sofistas. Os sofistas são.

a) Professores ambulantes que vão de cidade em cidade, ensinando os jovens; ensinam por dinheiro, mediante uma retribuição. Conquistavam grande êxito social: oradores e retóricos e fundamentalmente pedagogos. Tinham convicção de que tudo sabiam e tudo ensinavam. É uma filosofia aparente, que não é sabedoria.
b) Eram verdadeiros filósofos que se fixavam em um determinado lugar. Não cobravam nada de retribuição a seus ensinamentos.
c) São filósofos verdadeiros, pois, tinham como objetivo a busca da verdade e sabedoria de todas as coisas.
d) Indivíduos que não tinham o dom da oratória e muito menos eram pedagogos.

6. Os conceitos de ato e potência, matéria e forma, substância e acidente possuem especial importância na metafísica aristotélica. Trata da forma de classificar e dividir os seres em dois princípios constitutivos intrínsecos, pelo movimento. Entre potência e ato é **CORRETO AFIRMAR**.

a) Ato é o ser enquanto tal, com certa perfeição. Potência aquilo que não é, mas pode vir a ser. Exemplo: uma semente de laranja está em potência para ser em ato uma laranjeira e não outra coisa qualquer.
b) Ato não é uma coisa qualquer e está a caminho para ser potência.
c) A potência não influencia no ato e vice-versa.
d) Em potência tornamos em ato algo totalmente diferente e coeso.

7. O novo conceito de verdade requer que a verdade seja universal, válida para todos. Uma verdade acima das raças, nações, mitos regionais. Mas no universo existe uma série de enorme de seres: planetas, estrelas, terra, mar, vento, fogo, animais. O filósofo grego procura ordenar todos esses seres na busca de uma única lei que justifique seu aparecimento. Filosofar é, então, procurar na multiplicidade um princípio único que seja a fonte e a origem de toda essa variedade manifesta no universo (CORDI [ett all], 1995 p.10)

Com base nesta afirmativa marque a resposta **INCORRETA.**

a) O novo conceito de verdade liberta o homem do medo e da insegurança;
b) O novo conceito de verdade busca respostas definitivas sem possibilidades de refutação e/ou questionamento;
c) O novo conceito de verdade abrange toda a realidade, mesmo entendendo que o homem pode ser questionado de suas conclusões;
d) A verdade é universal que descobre sua unidade e multiplicidade.

RESUMINDO

O período pré-socrático tem como referência os que vieram antes de Sócrates.

Princípio primordial dos pré- socráticos:

Tales: Arqué, ou água.

Anaximandro: Ápeiron.

Anaxímenes: o ar, o vapor.

Heráclito: o fogo.

Filósofos gregos destacam: Sócrates, Platão e Aristóteles.

Sócrates: Maiêutica. “Sei que nada sei”. “Conhece-te a ti mesmo”.

Platão: o mundo das idéias, o mito da caverna.

Aristóteles: Matéria e forma, lógica formal e material, ato e potência

GABARITO

1	2	3	4	5	6	7
C	A	D	B	A	A	B

REFERÊNCIA

ARANHA, M. L. A. A.; MARTINS, M.H.P.M. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

ARANHA, M. L. A. A; MARTINS, M.H.P. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2006.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2008.

Disponível em: http://www.templodeapolo.net/Civilizacoes/grecia/filosofia/presocraticos/filosofia_presocraticos.html.

Disponível em: http://convergencias.esart.ipcb.pt/temp_img/image/cn66.jpg.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates.

Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/_I9Foa_rH0_E/TBl-MwDXR0I/AAAAAAAAAAk/pmHe8LzCR7c/s1600/platao.jpg.

Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/_fLAfIAnLPX0/SI-OkwAqVSI/AAAAAAAAAAs/-hHmZv7r7k0/s320/caverna4.jpg.

Disponível em: http://www.geocities.ws/saladefisica9/biografias/aristoteles11.jpg

MARIAS, J. **História da Filosofia**. Portugal: Edições Sousa e Almeida Ltda, 1981.

TRICHES, I. J.; REZENDE, C. J.; SILVA, L. D. S; TRICHES, N; MACHADO, W. **Tópicos de Filosofia da Educação**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2006.

Disponível em: http://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/1671369. Acesso em: 26 ago. 2014.

PIRES, M. da N. “Aforismo”. In: Dicionário de termos literários. Disponível em: www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/A/aforismo.htm. Acesso em: 27 jun. 2014.

Objetivos

- ✓ Entender o papel desempenhado pela Igreja Católica na formação do pensamento medieval; e
- ✓ Entender os conhecimentos básicos dos principais pensadores e correntes do período.

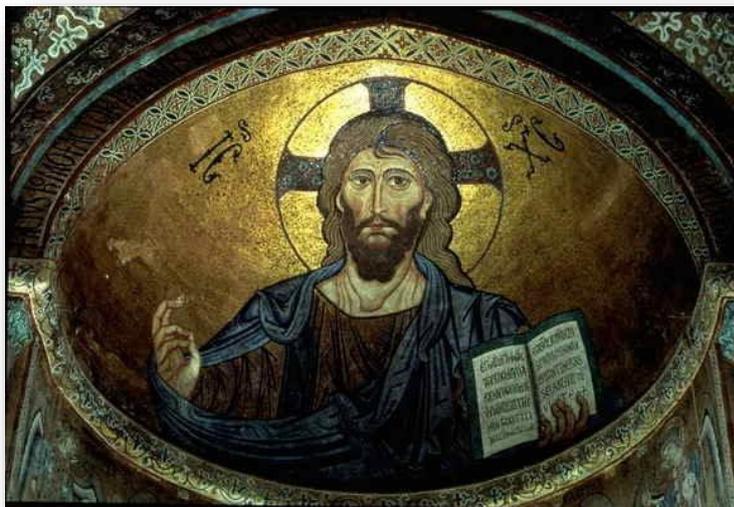



Figura 01

O cristianismo é um tema que tem uma integração direta com a filosofia. Temas referentes à solução do problema do mal, dos dogmas, do pecado original e da redenção pela cruz, são recorrentes neste período. Com uma justificação histórica e doutrinal baseada na revelação judaico-cristã em geral, o cristianismo implica uma determinação, elucidação, sistematização racional do próprio conteúdo sobrenatural da Revelação, mediante uma disciplina específica, que será a teologia dogmática.

O teísmo (doutrina que admite um deus pessoal) tem uma ligação direta com o cristianismo o deve, historicamente, a Israel. Mas entre os hebreus o teísmo não tem uma justificação, uma demonstração racional.

Essa demonstração racional se realizará graças especialmente à Escolástica e, sobretudo, a Tomás de Aquino. Pelo que diz respeito à solução do problema do mal, solução que constitui a integração filosófica proporcionada pelo cristianismo ao pensamento antigo - que sentiu profundamente este problema sem o poder solucioná-

lo representa a grande originalidade teórica e prática, filosófica e moral, do cristianismo. Estes problemas são solucionados pelos dogmas do pecado original e pela redenção da cruz.

A justificação da Revelação em geral à determinação e a sistematização racional do conteúdo da mesma tem uma importância indireta com respeito à filosofia. É neste momento que teremos a tentativa de conciliação da fé e razão. Foi esta, especialmente, a obra da **Patrística** e, sobretudo, de Agostinho.

Esta parte, dedicada à história do pensamento cristão, será, portanto, dividida do seguinte modo:

- **O CRISTIANISMO**, isto é, o pensamento do Novo Testamento, enquanto soluciona o problema filosófico do mal;
- **A PATRÍSTICA**, a saber, o pensamento cristão desde o II ao VIII século, a que é devida particularmente a construção da teologia, da dogmática católica;
- **A ESCOLÁSTICA**, a saber, o pensamento cristão desde o século IX até o século XV, criadora da filosofia cristã verdadeira e própria.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO PENSAMENTO CRISTÃO

“Foi conquistada a cidade que conquistou o universo”. Assim definiu São Jerônimo o momento que marcaria a virada de uma época. Era a invasão de Roma pelos germanos e a queda do Império Romano.

A avalancha dos bárbaros arrasou também grande parte das conquistas culturais do mundo antigo.

A Idade Média inicia-se com a desorganização da vida política, econômica e social do Ocidente, agora transformado num mosaico de reinos bárbaros. Depois vieram as guerras, a fome e as grandes epidemias. O cristianismo propaga-se por diversos povos. A diminuição da atividade cultural transforma o homem em um ser que busca se distanciar das **crenças e superstições.**

O período medieval não foi, porém, a "Idade das Trevas", como se acreditava. A filosofia clássica sobrevive, confinada nos mosteiros religiosos. O aristotelismo dissemina-se pelo Oriente bizantino, fazendo florescer os estudos filosóficos e as realizações científicas. No Ocidente, fundam-se as primeiras universidades, ocorre a fusão de elementos culturais greco-romanos, cristãos e germânicos, e as obras de Aristóteles são traduzidas para o latim.

Sob a influência da Igreja, as especulações se concentram em questões filosófico-teológicas, tentando conciliar a fé e a razão. E é nesse esforço que Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino trazem à luz reflexões fundamentais para a história do pensamento cristão.

A FILOSOFIA MEDIEVAL E O CRISTIANISMO

Ao longo do século V d.C., o Império Romano do Ocidente sofreu ataques constantes dos povos bárbaros. Do confronto desses povos invasores com a civilização romana decadente desenvolveu-se uma nova estruturação europeia de vida social, política e econômica, que corresponde ao período medieval.

Em meio ao esfacelamento do Império Romano, decorrente, em grande parte, das invasões germânicas, a Igreja católica conseguiu manter-se como instituição social mais organizada. Ela consolidou sua estrutura religiosa e difundiu o cristianismo entre os povos bárbaros, preservando muitos elementos da cultura pagã greco-romana.

Apoiada em sua crescente influência religiosa, a Igreja passou a exercer importante papel político na sociedade medieval. Desempenhou, por exemplo, a função de órgão supranacional, conciliador das elites dominantes, contornando os problemas da fragmentação política e das rivalidades internas da nobreza feudal. Conquistou, também, vasta riqueza material: tornou-se dona de aproximadamente um terço das áreas cultiváveis da Europa ocidental, numa época em que a terra era a principal base de riqueza. Assim, pôde estender seu manto de poder "universalista" sobre diferentes regiões europeias.

CONCILIAÇÃO ENTRE A FÉ E SABER

No plano cultural, a Igreja exerceu amplo domínio, trançando um quadro intelectual em que a fé cristã era o pressuposto fundamental de toda sabedoria humana.

EM QUE CONSISTIA ESSA FÉ?

Consistia na crença irrestrita ou na adesão incondicional as verdades reveladas por Deus aos homens. Verdades expressas nas Sagradas Escrituras (Bíblia) e devidamente interpretadas segundo a autoridade da igreja.

De acordo com a doutrina católica, a fé representava a fonte mais elevada das verdades reveladas - especialmente aquelas verdades essenciais ao homem e que dizem respeito à sua salvação.

Assim, toda investigação filosófica ou científica não poderia, de modo algum, contrariar as verdades estabelecidas pela fé católica. Segundo essa orientação, os filósofos não precisavam se dedicar à busca da verdade, pois ela já havia sido revelada por Deus aos homens. Restava-lhes, apenas, demonstrar racionalmente as verdades da fé.

Muitos foram àqueles que não aceitavam a filosofia medieval, muito menos a tentativa de conciliação entre fé e razão que para eles não tinha sentido algum. A Filosofia Grega era considerada pelos religiosos de forma pagã e neste sentido, consideravam a porta de entrada para o pecado, os desvios, o descaminho e a heresia (doutrina contrária ao estabelecido pela Igreja, em termos de fé).

Ao mesmo tempo, aparecem alguns estudiosos cristãos que defendiam o conhecimento da filosofia grega, vista como possibilidade de ser usada como instrumento a serviço do cristianismo. Esta Filosofia Medieval enfrentava descrentes, hereges que conciliado com a fé cristã, o destruía toda e qualquer forma de ideia contrária a ela. O objetivo principal da Igreja era espalhar sua filosofia pelo mundo levando os descrentes a aceitar os dogmas e os mistérios divinos, que eram acessíveis pela fé em Deus, o salvador.

Entre os grandes nomes da filosofia católica medieval destacam-se Agostinho e Tomás de Aquino. Eles foram os responsáveis pelo resgate cristão das filosofias de Platão e de Aristóteles, respectivamente.

PATRÍSTICA

> *“A fé em busca de argumentos racionais a partir de uma matriz platônica” (MARIAS, 1981)*

O cristianismo cresceu e ganhou força. Sendo ensinado nos catecismos a autoridades romanas e a população de maneira, a afirmação e a consolidação da doutrina cristã, ministrada pela Igreja católica avançou territórios. Mas estes ensinamentos não eram ensinados a força, mas estrategicamente, convencendo seus membros através da ideia de que a salvação humana só aconteceria com a aceitação de um Deus único. Este trabalho para melhor resultado deveria ser convincente, mediante um trabalho de conquista espiritual.

Os primeiros Padres da Igreja usando desta estratégia e argumentos se empenharam na elaboração de inúmeros textos sobre a fé e a revelação cristã. A reunião de um conjunto desses textos ficou conhecida como patrística (derivado de padre).

Neste período outra grande corrente filosófica surgiu, a escolástica. Tinha como princípio básico a tentativa de conciliação do cristianismo e o pensamento pagão. Seu principal representante foi o Padre Agostinho.

"**Compreender para crer, crer para compreender". (Santo Agostinho)**

ESCOLÁSTICA

> *"Os caminhos de inspiração aristotélica levam até Deus". (MARIAS, 1981)*

O governo de Carlos Magno, no século VIII teve como característica a preocupaçao em organizar o ensino por todo império e para isto criou escolas ligadas a Igreja Católica. A filosofia greco-romana, que até então era exclusividade dos mosteiros, começou a ser divulgado, o que permitiu que um grupo maior de pessoas pudesse ter acesso ao conhecimento, o que levou a população a maiores reflexões e críticas. Este período foi chamado de renascença carolíngia.

Este perfil educacional, inspirado no modelo romano, tinha como obrigatoriedade as seguintes disciplinas: gramática, retórica e dialética (o trivium) e geometria, aritmética, astronomia e música (o quadrivium). Todas elas deveriam estar ligadas à teologia.

A fundação dessas escolas e das primeiras universidades do século XI fez surgir uma produção filosófico-teológica denominada escolástica (de escola).

No século XIII, a filosofia aristotélica toma novos contornos no pensamento escolástico e marca definitivamente o momento. Neste período, muitas obras de Aristóteles foram descobertas tendo sua tradução do grego para o latim. Este fato abriu a possibilidade para que novos interessados no assunto pudessem lê-las.

A busca da harmonização entre a fé cristã e a razão manteve-se, no entanto, como problema básico de especulação filosófica.

LIVROS SUGERIDOS

- GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**, de São Paulo: Schwarcz. 1997.
- HUBERMAN, Leo de. **História da riqueza do homem**: Zahar, 1984.

ALÉM DO FILME:

- **O Nome da Rosa**, de Umberto Eco.

RESUMO

O cristianismo está integrado à filosofia.

A Patrística e a Escolástica eram características do momento.

O período medieval não é a Idade das Trevas.

Amplo domínio da Igreja Católica.

A investigação filosófica ou científica não poderia contrariar as verdades estabelecidas pela fé católica.

Destacam-se Agostinho e Tomás de Aquino: responsáveis pelo resgate cristão das filosofias de Platão e de Aristóteles.

ATIVIDADE DE FICAÇÃO

1. Desde que surgiu o cristianismo, tornou-se necessário explicar seus ensinamentos às autoridades romanas e ao povo em geral. Mesmo com o estabelecimento e a consolidação da doutrina cristã, a Igreja católica sabia que esses preceitos não podiam simplesmente ser impostos pela força. Eles tinham de ser apresentados de maneira convincente, mediante um trabalho de conquista espiritual.

Foi assim que os primeiros Padres da Igreja se empenharam na elaboração de inúmeros textos sobre a fé e a revelação cristãs. O conjunto desses textos ficou conhecido como.

a) Cristianismo.
b) Patrística.
c) Aristotelismo.
d) Platonismo.

2. (Objetivo, 2010) No século III, Tertuliano apontava que o conhecimento não poderia ser válido se não estivesse atrelado aos valores cristãos. Outros religiosos defenderiam que as verdades do pensamento dogmático cristão não poderiam estar subordinadas à razão.

Em contrapartida, existiam outros pensadores medievais que não defendiam esta separação entre a fé e a razão. Um dos mais expressivos representantes dessa

conciliação, que entre os séculos IV e V defenderia a busca de explicações racionais que justificassem as crenças, foi

a) Santo Agostinho.
b) Santo Tomás de Aquino.
c) São Bento.
d) Santo Ignacio de Loyola.
e) Santo Ambrosio.

3. (Unicanto) Analise as frases que seguem: Aquilo que a verdade descobrir não pode contrariar aos livros sagrados, quer do Antigo quer do Novo Testamento (Sto Agostinho); Deus não pode infundir no homem opiniões ou uma fé que vão contra os dados do conhecimento adquirido em virtude das forças naturais (Sto. Tomás de Aquino). Elas resultam do desenvolvimento do Cristianismo e da dominação da Teologia sobre a filosofia entre os séculos II e XVI d.C. Essa nova filosofia presa ao Cristianismo se diferenciava da Filosofia Clássica, porque procurava promover a crença em um Deus todo poderoso proclamado por Jesus Cristo. A esta fase da História da Filosofia chamamos:

a) Filosofia Católica.
b) Filosofia Clássica.
c) Filosofia Medieval.
d) Filosofia Protestante.

4. (Unicanto)Quando o Império Romano iniciou sua derrocada, havia uma instituição religiosa pronta para assumir a direção do mundo. O Cristianismo se expande através da filosofia dos Padres da Igreja. No esforço de converter pagãos, combater heresias e justificar a fé, os Padres da Igreja daquele século desenvolveram a apologética, discurso racional religioso em defesa do Cristianismo. Essa realidade caracteriza a primeira fase da Filosofia no período medieval, também conhecida como:

a) Patrística.
b) Reforma
c) Contra-Reforma
d) Escolástica

5. (Unicanto) Organizada racionalmente por volta do século XI, tem o seu apogeu no século XIII e começo do século XIV, época em que inicia sua decadência. Nela, buscou-se uma aliança entre fé e razão, mas quando as disputas se acirram quase sempre se apela para o princípio da autoridade, que consistia na recomendação de humildade para consultar os intérpretes autorizados pela Igreja. Essa realidade caracteriza a segunda fase da Filosofia Medieval, também conhecida como:

a) Reforma.
b) Escolástica
c) Contra-Reforma
d) Patrística

6. (Unicanto)A época medieval traz mudanças na sociedade. Ocorre o declínio do Império Romano e consequentemente a ascensão de uma instituição religiosa que passa a intervir na política economia dominou a educação, qual foi esta instituição.

a) Igreja Anglicana
b) Islamismo
c) Catolicismo
d) Protestantismo

7. (Unicanto) Período da história que se ocupou em discutir e problematizar “Questões Universais”. bastante influenciado pelo pensamento socrático e platônico e, em que, o pensamento cristão firma-se como "Filosofia Cristã", que mais tarde se torna Teologia.

a) Moderno.
b) Medieval
c) Classico
d) Pós-moderno

GABARITO

1	2	3	4	5	6	7
B	A	C	A	B	C	B

REFERÊNCIA

ARANHA, M. L. A. A.; MARTINS, M.H.P.M. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

ARANHA, M. L. A.A; MARTINS, M.H.P. **Filosofando**: introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2006.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2008.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Filme.

GAARDER, Jostein. O Mundo de Sofia. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda. 1997.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1984.

MARIAS, J. **História da Filosofia**. Portugal: Edições Sousa e Almeida Ltda, 1981.

TRICHES, I. J.; REZENDE, C. J.; SILVA, L. D. S; TRICHES, N; MACHADO, W. **Tópicos de Filosofia da Educação**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2006.

Figura 01 disponível em:
http://3.bp.blogspot.com/_LbLAOOWv3i4/S_RA1aejvII/AAAAAAAABCk/yZYlxJkUnf4/s1600/cristo.jpg.
Acesso agosto 2014

UNIDADE IV – MORAL E ÉTICA

Objetivos

- ✓ Entender o conceito de moral e ética como algo presente no dia-a-dia.
- ✓ Analisar de que forma podemos melhor viver a partir dos conhecimentos básicos sobre moral e ética.

Figura 01

Nas Unidades até então postadas tivemos oportunidade de viajar pela formação da Filosofia enquanto ciência profunda. Perpassamos pelo mito, pela filosofia grega, pelo conhecimento medieval. Mesmo que sutilmente pudemos ter a exata noção do papel da disciplina para a compreensão do mundo.

Adentraremos pelo significado de alguns temas, que por ora, estão presentes na sociedade atual para uma maior compreensão do mundo que nos cerca.

Muitas vezes o conceito de Moral e Ética são usados como sinônimos, mas não possuem o mesmo significado. Assim, faz necessário esclarecê-los.

Os valores morais estão presentes em todas as esferas de nossa vida. Pai exige de filho, filho exige de pai, a esposa reclama fidelidade. Em política sabe-se que sem padrões de justiça não é possível administrar o desenvolvimento da ciência e a constituição também contém valores morais.

A moral é um conjunto de normas, prescrições e valores que regulamentam o comportamento dos indivíduos na sociedade.

TEMOS DOIS PLANOS MORAIS
Normativo: normas ou regras de ação. Exemplo: não roubar.
Factual: ações efetivamente realizadas. Exemplo: roubar.

O "jeitinho" é uma ação imoral e como resultado temos a desmoralização, desconfiança, desonestidade.

Ética ou Filosofia Moral é uma reflexão sistemática sobre o comportamento moral. A ética não diz o que deve e que não deve ser feito em cada caso concreto. Isto é competência da Moral, a Ética tira conclusões e elabora princípios sobre o comportamento moral. A ética profissional está voltada para os princípios a serem observados no exercício da profissão.

À medida que o homem se desenvolve a reflexão crítica e os valores passam a ser colocados em questão. A decisão é fruto de uma reflexão consciente, que se chama interiorização.

NORMAS MORAIS E JURÍDICAS

Figura 02

Distinguimos normas morais das normas jurídicas estabelecidas pelo direito. A coação moral é interna e advêm da consciência. No direito, a coação é externa e precede do Estado.

A Moral é exterior ao direito.

O direito caracteriza-se pela exterioridade. Não é preciso que concorde ou não, mas apenas que se cumpra. **Exemplo:** jovem que discorde do serviço militar.

Quando as normas estabelecidas pelo Estado não correspondem aos interesses da sociedade, os indivíduos sentem-se oprimidos. Quando os indivíduos negam as normas morais estabelecidas criando a sua moral particular, caem no individualismo, esquecendo do bem comum.

- **O RELATIVISMO MORAL**

Figura 3

A função da moral é garantir o funcionamento, a estabilidade da vida em sociedade e a possibilidade de melhorá-la.

Ela é variável de época para época. **Exemplo:** pena de morte em alguns Estados dos Estados Unidos. O relativismo moral se encarna no contexto histórico de cada povo tomando uma forma específica. Portanto, ela constitui uma característica essencial do homem que vive em sociedade, em valor imprescindível que perpassa toda a história da humanidade.

A MORAL TEM UM CARÁTER	A ÉTICA
• Prático imediato; • Restrito; • Histórico; • Relativo.	• Reflexão filosófica sobre a moral; • Procura justificar a moral; • O seu objeto é o que guia a ação; • O objetivo é guiar e orientar racionalmente a vida humana.

LIVROS SUGERIDOS

A DIFERENÇA ENTRE MORAL E ÉTICA

Escrever sobre ele.... De maneira simples o conceito e as derivações de moral e ética são trabalhados. Serve como aprofundamento ao tema.

Link para o livro ou PDF se tiver: http://colegiocastanheira.com.br/download/espaco-filosofico/filosofia-em-pronto.pdf

ALÉM DO FILME:

O HOMEM SEM SOMBRA

Escrever sobre ele… Um grupo de cientistas faz algumas descobertas importantes que são testadas no próprio inventor. Porém, não havia antídoto para a fórmula, o que coloca a equipe de cientistas a tentarem mudar este quadro.

Link vídeo http://www.filmesonlinegratis.me/o-homem-sem-sombra-dublado/

RESUMO

Apesar de terem um fim semelhante: ajudar o homem a construir um bom caráter para ser humanamente íntegro; a ética e a moral são muito distintas.

A moral tem um caráter prático imediato, visto que faz parte integrante da vida cotidiana das sociedades e dos indivíduos, não só por ser um conjunto de regras e normas que regem a nossa existência, dizendo-nos o que devemos ou não fazer, mas também porque está presente no nosso discurso e influencia os nossos juízos e opiniões.

A noção do imediato vem do fato de a usarmos continuamente. A ética, pelo contrário, é uma reflexão filosófica, logo puramente racional, sobre a moral. Assim, procura justificá-la e fundamentá-la, encontrando as regras que, efetivamente, são importantes e podem ser entendidas como uma boa conduta a nível mundial e aplicável a todos os sujeitos, o que faz com que a ética seja de caráter universalista, por oposto ao caráter restrito da moral, visto que esta pertence a indivíduos, comunidades e/ou sociedades, variando de pessoa para pessoa, de comunidade para comunidade, de sociedade para sociedade.

O objeto de estudo da ética é, portanto, o que guia a ação: os motivos, as causas, os princípios, as máximas, as circunstâncias; mas também analisa as consequências dessas ações. A moral também se apresenta como histórica, porque evolui ao longo do tempo e difere no espaço, assim como as próprias sociedades e os costumes.

No entanto, uma norma moral não pode ser considerada uma lei, apesar da semelhança, porque não está escrita, mas sim como base das leis, pois a grande maioria das leis é feita tendo em conta normas morais e nos costumes em comuns.

Outra importante característica da moral (e esta sim a difere da lei) é o fato desta ser relativa, porque algo só é considerado moral ou imoral segundo um determinado código moral, sendo este diferente de indivíduo para indivíduo.

Finalmente, a ética tem como objetivo fundamental levar a modificações na moral, com aplicação universal, guiando, orientando, racionalmente e do melhor modo a vida humana.

ATIVIDADE DE FICAÇÃO

1. (Instituto IOB). Sobre o conceito de ética marque a alternativa que NÃO representa uma alternativa correta.

a) Ética é a ciência normativa dos comportamentos humanos, sendo definida através de leis específicas.
b) A ética é construída por uma sociedade com base nos valores históricos e culturais.
c) Cada sociedade e cada grupo possuem seus próprios códigos de ética.
d) Ao conviver em sociedade o homem percebeu a necessidade de "regras" que regulamentassem esse convívio.

2. (Instituto IOB) A respeito da gestão de ética nas organizações, assinale a alternativa correta.

a) É uma questão pessoal que atende ao ponto de vista de cada um, assim a organização deve tratar o assunto com subjetividade.
b) A gestão ética baseia-se em regras legais de comportamento que pretendem ser imparciais.

c) É aplicada principalmente nos níveis gerenciais de uma organização, já que deve ser acompanhado taticamente.
d) A gestão ética é composta por um conjunto de valores e regras que definem a conduta dos indivíduos como certa e errada.

3. (Instituto IOB) Julgue as afirmações referentes a Moral e Ética e, em seguida, marque a opção que apresenta os itens corretos:

I. Moral e Ética são termos que possuem sentidos semelhantes.
II. “Moral” precede a ética na aplicação social.
III. Ética quer dizer “costume” e pode variar na sociedade.
IV. A Moral, afinal, não é somente um ato individual, pois as pessoas são, por natureza, seres sociais, assim percebe-se que a Moral também é um empreendimento social.
V. A moral é a ferramenta de trabalho da ética.

a) I, IV, III
b) IV e V
c) II, III, V
d) III, IV, V

4. (Instituto IOB) Relativos à ética no serviço público e qualidade no atendimento ao público marque a opção incorreta.

a) (Os valores fundamentais do serviço público decorrem exclusivamente do seu caráter público.
b) Tratar cuidadosamente os usuários dos serviços, aperfeiçoando o processo de comunicação e contato com o público é uma atitude ética do servidor público.
c) Ser pontual no trabalho faz parte de uma postura ética.
d) Resistir a todas as pressões de superiores hierárquicos e de contratantes, que visem obter favores ou vantagens indevidas é uma ação ética.

GABARITO

1	2	3	4
A	D	B	A

REFERÊNCIAS

ACORDI, C.; SANTOS, A. R.; BÓRIO, E. [ettall] **Para filosofar**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

ARANHA, M. L. A.A; MARTINS, M.H.P. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARANHA, M. L. A. A.; MARTINS, M.H.P.M. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

Disponível em: **http://espectivas.files.wordpress.com/2010/02/relativismo.jpg?w=323&h=149.** Acesso setembro 2014.

Disponível em: **http://2.bp.blogspot.com/_C2VOTSmEoE/TGsi5pmi1II/AAAAAAAAADI/rd6M2YuVwV8/s1600/direito.jpg.** Acesso setembro 2014

Disponível em: **http://www.notapositiva.com/resumos/filosofia/moraletica.htm.** Acesso setembro 2014

Disponível em: **http://3.bp.blogspot.com/ql5cVZeWIFc/TaFATbZnhOI/AAAAAAAAAIQ/GyO15xKvLzY/s1600/ETICA.jpg.** Acesso em setembro 2014.

UNIDADE V – PENSAMENTO FILOSÓFICO CONTEMPORÂNEO

Objetivos

- ✓ Analisar de que forma se acontece a percepção de mundo na modernidade, de forma especial o Renascimento.
- ✓ Entender qual a principal linha filosófica baseada no Pragmatismo e no Empirismo

RENASCIMENTO ITALIANO E A FILOSOFIA FRANCESA: AS ORIGENS DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Dois pontos de partida podem ser considerados para o surgimento do pensamento filosófico contemporâneo: o Renascimento e a obra do filósofo francês René Descartes. Mas, para compreendermos adequadamente como isto ocorreu, vamos pensar o que foi o Renascimento e o que Descartes quis dizer em sua obra, o que possibilitará concluirmos porque esta obra pode ser tomada como ponto de partida do pensamento filosófico contemporâneo.

O Renascimento, mais que um movimento filosófico, foi todo um processo histórico, cultural, político e econômico que surgiu principalmente na Itália, a partir do século XIV, mas que teve seu apogeu no século XVI. Seus principais representantes foram nome que ainda hoje fazem parte do imaginário popular, ou seja, que "todo mundo" conhece, tais como Michelangelo, Leonardo Da Vinci e Maquiavel.

Mas nomes menos conhecidos, como Cellini, Donatello, Giordano Bruno e Pico Della Mirandola foram, igualmente, de grande importância na história do Renascimento. Mas, afinal, que história é esta e o que ela representou para a Filosofia contemporânea?

RENASCIMENTO

Renascimento se desenvolveu na Europa no período entre 1300 e 1650 e influenciou a forma de ver e pensar o mundo a partir de então. São valores, ideias e visão de mundo característicos do Renascimento.

Valorização da estética artística da antiguidade clássica (Grécia e Roma). Grande desenvolvimento das artes: pintura, arquitetura e escultura, por exemplo;
- Antropocentrismo: o homem passou a assumir o protagonismo na condução da história da humanidade;
- Valorização das ciências, do pensamento racional e lógico;
- Ideário humanista.

O uso do termo Renascimento pode facilmente nos induzir a erro, pois nos leva a imaginar algo que estava morto, ao representar a retomada de um processo de criação e inovação cultural que teria estado ausente ao longo da Idade Média. Ele teria sido, portanto, o renascimento da vida cultural, mas pensar assim é um erro, uma vez que a Idade Média nunca deixou de ser uma época fecunda em termos de atividade cultural e filosófica. O que ocorreu foi um processo de transformação radical da forma de ver o mundo, que pode ser definida a partir dos seguintes parâmetros:

- ✓ Ocorreu um processo de laicização do pensamento, ou seja, a produção de conhecimento ganhou progressiva autonomia em relação aos imperativos da Igreja e em relação aos dogmas católicos, cuja validade foi contestada, por exemplo, por autores como o astrônomo Galileo Galilei. Também um pensador como Maquiavel, ao ressaltar a autonomia da atividade política em relação a qualquer interferência ou imperativo divino, definindo-a como uma atividade feita exclusivamente por e para os seres humanos, salientou como a vida humana deveria ser estudada por si própria, e não como resultado da vontade de Deus. Com isto, a Filosofia contemporânea pôde ganhar autonomia, separando-se do sentido teológico e dogmático que a orientara ao longo do período medieval;

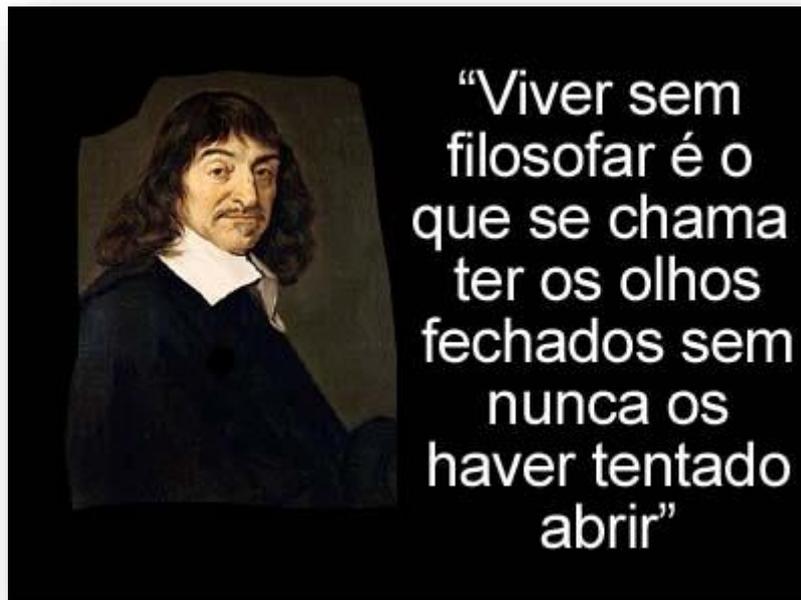
Houve uma retomada dos ideais greco-romanos de beleza e de valorização do ser humano, o que foi expresso principalmente na escultura, a partir das obras de Michelangelo, Pollaiuolo e Bonacolsi, e na pintura, a partir dos quadros de Rafael e Botticelli. E o termo Renascimento, no caso, ganha maior precisão, ao representar a retomada destes ideais. No caso da Filosofia, a valorização da cultura clássica, de sentido antropocêntrico, em oposição ao teocentrismo cristão, que via Deus como o centro do universo, abriu caminhos para toda uma produção de conhecimento que transformava a compreensão e conhecimento do ser humano em finalidade suprema. Na França, por exemplo, no mesmo período, um autor chamado Michel de Montaigne, escrevia um livro chamado Ensaios, no qual afirmava que seu único objetivo era conhecer a si próprio.

O Nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli, Galleria degli Uffizi, Florença, XV

Monalisa, de Leonardo da Vinci
Museu do [illegible] XV

O juízo final de Michelangelo.

Para conhecer um pouco mais sobre o Renascimento a partir da produção artística deste período faça uma visita ao Museu Virtual do Louvre – www.louvre.fr

O Renascimento, com isto, se transformou na base histórica da Filosofia contemporânea, assim como o pensamento de Descartes, nascido em 1596 e falecido em 1650, ao transformar o pensamento em eixo da atividade humana, igualmente contribuiu para transformar a Filosofia em uma forma de compreender o pensamento e em orientá-lo em sua atividade vinculada à existência humana. Afinal, se Montaigne erigiu a si próprio em objeto de estudo, Descartes, transformou o pensamento em objeto de estudo primordial da Filosofia.

Renê Descartes, autor da célebre frase: “Penso, logo existo”.

As bases da Filosofia de Descartes podem ser compreendidas a partir dos seguintes pressupostos:

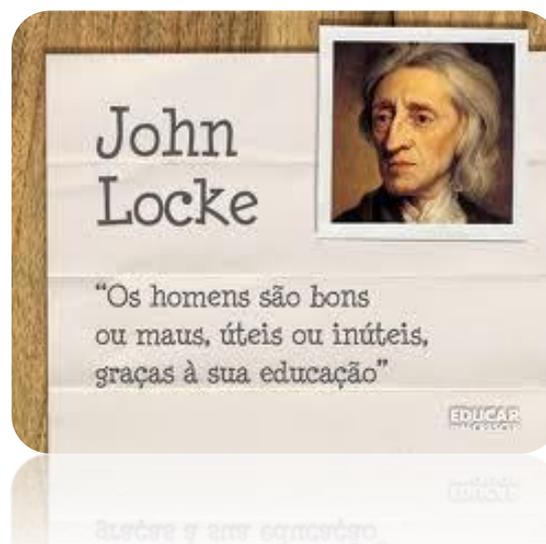
O conhecimento histórico é marcado pela imprecisão, por não ser capaz de definir de forma precisa o que realmente aconteceu, assim como o conhecimento subjetivo de si próprio — que foi a proposta de Montaigne — também não é válido por ser impreciso. Com isto, o conhecimento deve ter como fundamento a existência de certezas absolutas que apenas a matemática pode proporcionar. Descartes, portanto, propõe um conhecimento filosófico que seja o mais exato possível;

O conhecimento não pode derivar da percepção sensorial, ou seja, da forma como os sentidos percebem a existência do mundo material, uma vez que esta percepção é enganosa. Apenas a partir do momento em que o pensamento, a partir da existência de leis matemáticas, nos permite afirmar a existência deste mundo, é que o conhecimento ganha validade.

A obra de Descartes ajuda a fundar a Filosofia contemporânea, ao afirmar a importância do pensamento como meio para conhecer o universo e para fazer com que o ser humano conheça a si próprio. Neste sentido, ele pode ser considerado um herdeiro do antropocentrismo renascentista, ao mesmo tempo em que busca ir além do subjetivismo proposto por Montaigne, que afirma, em última análise, que o ser humano não consegue ir além do conhecimento de si próprio, e que este conhecimento para ele, Montaigne, já é suficiente.

Mas, Descartes, ao definir o pensamento como única fonte de validação da existência do mundo exterior, termina por criar um novo subjetivismo, uma vez que tudo o que existe fora do indivíduo apenas pode ter sua existência comprovada a partir do próprio conhecimento que o indivíduo possui acerca do mundo. E foi em oposição ao subjetivismo de Montaigne e de Descartes que, na Inglaterra, nos séculos XVII e XVIII, John Locke, George Berkeley e David Hume criaram o chamado empirismo, que mais tarde, nos Estados Unidos, no início do século XX, seria retomado pelo pragmatismo, que foi uma teoria pedagógica e filosófica defendida principalmente por William James e John Dewey.

EMPIRISMO E PRAGMATISMO

Nascido em 1632 e falecido em 1704, o filósofo inglês John Locke foi um dos principais teóricos do liberalismo, ao assinalar a necessidade do estabelecimento de limites a serem impostos ao poder monárquico, ao enfatizar o direito à propriedade e ao defender a importância e a inviolabilidade da esfera individual perante a ação do estado. Com isto, ele se transformou em um dos mais importantes teóricos da atividade política, mas ele se transformou em um filósofo de grande importância, igualmente, ao valorizar, em oposição a Descartes, os sentidos e a experiência como meios de compreensão e conhecimento do mundo. Afinal, para ele, ao contrário, do que Descartes acentuava que todas as nossas ideias derivam do que os sentidos percebem, não podendo haver ideias, ou seja, conhecimento do mundo, que não seja fornecido pelas ideias. Com isto, para ele, buscar um conhecimento do mundo que vá além da "imprecisão dos sentidos" mencionada por Descartes seria apenas uma pretensão vã e inútil.

LIBERALISMO

Doutrina político-econômica que se caracteriza pela sua atitude de abertura e tolerância em relação a vários aspectos da vida econômica e política dos países. Podemos definir Liberalismo também como ideologia política da burguesia liberal, tendo sua origem, o século XVIII, no Iluminismo. Pleiteava a liberdade individual e dos povos e a livre concorrência das forças sociais incluindo-se, a econômica.

VALE Á PENA LER:

Locke: Cartas sobre a tolerância, Ensaio acerca do entendimento humano e Dois tratados sobre o governo.

Adam Smith: A teoria dos sentimentos morais e A riqueza das nações.

O empirismo proposto por Locke, como o próprio nome indica, afirma, portanto, que todo conhecimento é necessariamente empírico e, aqui, o autor retoma as lições de Francis Bacon, outro filósofo inglês que, em um livro chamado Novum Organum, publicado em 1620, afirma que toda a forma de conhecimento humano apenas é válida quando toma a experiência como ponto de partida e que todo conhecimento científico ou é experimental ou simplesmente não é científico.

Já George Berkeley aceita, como Locke e Bacon o fazem, afirma ser a experiência a única fonte válida de conhecimento, sendo, portanto, adepto do empirismo inglês, mas faz um retorno ao subjetivismo cartesiano, ao afirmar que todo conhecimento derivado da experiência é apenas uma forma de sensação, com a matéria percebida pelo conhecimento não sendo passível de percepção objetiva. Com isto, para Berkeley, o universo material simplesmente não pode ser conhecido em sua essência, ou seja, apenas a experiência nos leva a conhecer o mundo, como Locke havia concluído, mas este conhecimento não leva ao conhecimento da verdade acerca do mundo, como Descartes havia concluído. E com isto, ainda, o empirismo chega a um impasse que o próprio Berkeley busca resolver, ao afirmar a existência de uma mente cósmica, representada por Deus, que seria superior à mente humana e que seria capaz de compreender o universo do qual Ele próprio é o Criador.

O que o ser humano não compreende, portanto, ganha sentido a partir da compreensão de Deus, o que, aliás, retoma um conceito já presente na obra de Descartes, para quem a existência do “bom Deus”, na expressão do autor, seria a garantia da existência do universo e da validade das conclusões que a Filosofia chega em relação a este universo,

uma vez que Deus, em sua bondade, não permitiria que o ser humano errasse e permanecesse imerso na ignorância. Mas, David Hume não aceita a saída para o impasse proposta por Berkeley, adotando uma premissa radicalmente racionalista e hostil a qualquer compromisso com a existência divina.

Nascido em 1711 e falecido em 1776, Hume busca explicar o funcionamento da mente humana exclusivamente a partir de métodos experimentais, ou seja, oriundos do estudo da experiência humana, negando, com isto qualquer fundamento teológico e metafísico à percepção do universo pelo ser humano. Assim como Descartes e Berkeley, Hume salienta a impossibilidade de obtenção de qualquer verdade definitiva a respeito do mundo exterior, mas, ao contrário de Berkeley e Descartes, radicaliza o seu ceticismo, ao negar a existência de um fundamento para este conhecimento baseado na existência de Deus. Com isto, o ceticismo, na obra de Hume, torna-se aparentemente absoluto e assim foi visto por diversos estudiosos de seu pensamento, ligados, principalmente, ao chamado positivismo lógico. Mas uma leitura mais equilibrada de sua obra nos permite compreender melhor este relativismo.

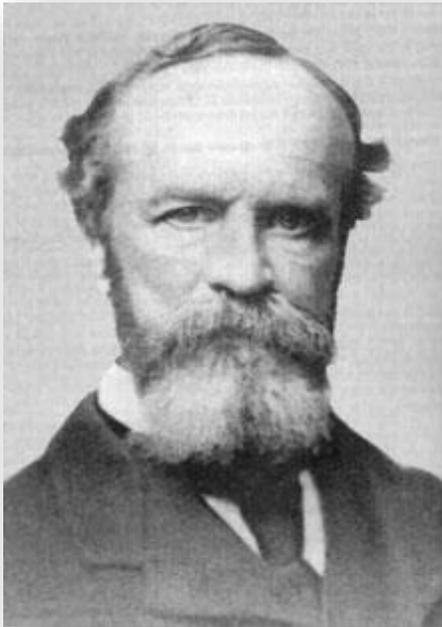
O que Hume buscou assinalar a impossibilidade de conhecimento do universo que não tivesse como fundamento a adoção de métodos experimentais já presentes nas ciências naturais e, principalmente na física desenvolvida pelo físico Isaac Newton. Tais métodos permitiriam o estabelecimento de leis que levariam à compreensão adequada do universo, ou seja, à compreensão que o ser humano é capaz de alcançar. Verdades finais e absolutas permaneceriam inatingíveis, mas, para Hume, buscar tais verdades não seria um objetivo a ser proposto, por ser um objetivo irrealizável. Ao delimitar o alcance do conhecimento humano, eliminando qualquer pretensão de alcance teológico e metafísico, Hume, seguindo as lições de Bacon, abriria caminho para o positivismo elaborado por Auguste Comte e, consequentemente, para o surgimento da própria sociologia.

Francis Bacon

George Berkeley

David Hume

Também o pragmatismo, de vertente norte-americana, retomaria, mais de um século depois, alguns dos pressupostos contidos no empirismo desenvolvido pelos filósofos ingleses. Para William James, nascido em 1842 e falecido em 1910, a alma não deveria ser vista como objeto de estudo, e sim os fenômenos psíquicos tomados em sua materialidade, o que o levou à criação, pioneira nos Estados Unidos, de um laboratório de psicologia experimental. Com isto, seguindo as lições do empirismo inglês, ele postulou o estudo do conhecimento humano a partir de princípios pragmáticos, ou seja, que vinculassem este conhecimento à experiência humana e ao universo material que o formou, deixando de lado qualquer indagação que não fosse pertinente a este universo.

O pragmatismo, para James, deve ser estritamente lógico, ou seja, deve partir do esclarecimento dos conceitos que fundamentam o conhecimento humano e da análise do sentido destes conceitos. Se usamos, por exemplo, termos como infância, sociedade ou natureza, devemos conhecer pragmaticamente o que estes termos efetivamente querem dizer, construindo, a partir daí um conhecimento que funcione, ou seja, que possa ser utilizado na prática: que seja pragmático, o que justifica a própria utilização do termo pragmatismo. O conhecimento, em síntese, deve ser prático, ou seja, deve ter valor concreto, no sentido de poder ser utilizado, deve ser verificável, ou seja, deve poder ser reproduzido e verificado a partir de parâmetros científicos e deve ser aberto, ou seja, deve ter a capacidade de ser construído e reconstruído sempre que se fizer necessário, não perdendo historicamente, com isto, a sua praticidade e a sua utilidade.

William James

John Dewey

Nascido em 1859 e falecido em 1952, John Dewey também foi um teórico do pragmatismo, aceitando-o em alguns seus fundamentos e criando todo um modelo de teoria e prática pedagógicas a partir destes fundamentos. Ao mesmo tempo, ele busca ir além do pragmatismo, criando, para isto, uma teoria que recebeu o nome de instrumentalismo. Para Dewey, o pensamento é composto por hipóteses de ação, ou seja, o ser humano constrói hipóteses baseadas na experiência e escolhe algumas destas hipóteses, transformando-as em instrumentos que permitirão a ele direcionar de forma adequada o curso de sua ação, interferindo, com isto, no universo que forma a sua experiência e transformando-o partir de seus próprios objetivos.

Caberia, então à pedagogia, para Dewey, superar a tradicional dualidade entre pensamento e ação, evitando que a ação seja vista como algo desvinculado do universo teórico, e fazendo, por outro lado, com que a teoria tenha como fundamento o universo no qual a ação humana é construída. E, com isto, Dewey busca solucionar a dualidade entre espírito e matéria já presente na obra de Descartes, uma vez que, para ele, o espírito, partindo da experiência, torna-se capaz de compreender o universo material, enquanto, para Descartes, assim como para Berkeley, a experiência é incapaz de nos fornece qualquer conhecimento confiável a respeito do universo, sendo este conhecimento passível de construção apenas a partir do espírito.

Nascido em 1724 e falecido em 1804, o filósofo alemão Immanuel Kant é um dos mais complexos e importantes autores presentes em toda a história da filosofia. Sua obra, extremamente ampla e influente, não pode ser abordada em toda a sua complexidade em um texto de introdução à filosofia contemporânea, mas, para não perdermos o fio de nossa narrativa, iremos abordá-la a partir de suas relações com o pensamento de David Hume.

Immanuel Kant

Kant é um dos principais pensadores que nos ajudam na compreensão dos problemas vivenciados no campo educacional. Segundo o filósofo, a educação faz do homem um verdadeiro homem, ou seja, é a educação que possibilitará a evolução do homem até ver-se como humanidade (ROSA, 2010). Kant foi um dos primeiros a pensar sobre a infância, sobre a educação das crianças pequenas e sobre a importância do cuidado com o corpo (Educação Física).

Kant, em suas próprias palavras, foi “despertado do sono metafísico” a partir da leitura da obra de Hume, que afirmou, para ele, a importância da experiência e da busca da causalidade, ou seja, da busca experimental das causas no processo de construção do conhecimento acerca do universo. Mas Kant, por outro lado, reagiu ao que seria o ceticismo de Hume, definindo a existência de duas formas de conhecimento, que seriam o conhecimento empírico, baseado na informação trazida pela experiência e pelos sentidos, e o conhecimento puro, ou transcendental. Ao definir, portanto, a existência do conhecimento empírico, Kant mantém-se nos limites do empirismo inglês, do qual Hume é um dos representantes, mas, ao afirmar a existência do conhecimento transcendental, ele busca ir além deste conhecimento. Mas, afinal, o que ele entende por conhecimento transcendental?

Tomemos um trecho de um livro escrito por Kant, chamado Crítica da razão pura, no qual o autor afirma: “Denomino transcendental todo conhecimento que em geral se ocupa não tanto com objetos, mas com o nosso modo de conhecer objetos na medida em que este deve ser a priori. Um sistema de tais conceitos denominar-se-ia filosofia transcendental”. Kant, como já disse, é um autor muito complexo e seu modo de escrever não é dos mais fáceis, mas vamos tentar entender o que ele quis dizer.

Para ele, além do conhecimento que deriva da experiência, que, para Hume, é o único conhecimento existente, há outro tipo de conhecimento que possui as seguintes características:

1

É um conhecimento a priori, ou seja, é um conhecimento anterior ao conhecimento gerado pela experiência, sendo um conhecimento que todo ser humano possui já ao nascer. É, portanto, uma categoria de entendimento inata, que nasce com cada um de nós e que ordena e dá sentido ao que aprendemos na prática. É uma razão pura, em oposição à razão adquirida, que é uma razão prática;

2

É universal, ou seja, todo ser humano é dotado desta razão, que é construída, na prática, de forma diferente em cada sociedade e em cada período histórico. O que muda, portanto, é a razão prática, mas a razão pura segue categorias de entendimento que são imutáveis.

Kant, com isto, cria uma dualidade que estaria presente, de formas diferentes na obra de outros autores alemães tão importantes quanto ele, que são Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Karl Marx. E, para concluirmos nossa análise, vamos fazer uma rápida análise de como estes autores estabeleceram uma relação uns com os outros, ou seja, de como Hegel retomou o conceito de conhecimento transcendental criado por Kant e, por fim, de como Marx estabeleceu uma relação ao mesmo tempo de continuidade e ruptura com a obra de Hegel.

Nascido em 1770 e falecido em 1831, Hegel criou uma obra que rivaliza em vastidão e em complexidade com a obra de Kant. E, assim, como este, nunca se preocupou em facilitar as coisas para os seus leitores, usando um estilo dos mais complicados. Mas não é possível compreendermos a filosofia contemporânea sem passarmos pela sua obra e, portanto, vamos a ela.

Hegel, assim como Kant aceita a existência de um conhecimento que anteceda e vá além do conhecimento prático e, portanto, possui existência universal. Ele usa o termo alemão zeitgeist, que pode ser traduzido como espírito do tempo, para definir a existência de um entendimento comum a todo ser humano, e que ele transforma em um espírito, ou seja, em uma forma de entendimento universal, que surge de formas diferentes em diferentes sociedades e em diferentes épocas. Assim, nós, brasileiros, temos a mesma capacidade de compreender o mundo que os franceses, por exemplos, mas fazemos isto de forma diferente, porque o nosso espírito do tempo é diferente. E nós, brasileiros do início século XXI, compreendemos o mudo de forma diferente da forma como os brasileiros do século XVIII o faziam, porque o nosso espírito do tempo é diferente do espírito do tempo daqueles brasileiros.

Nascido em 1818 e falecido em 1883, Marx, por fim, aceita, assim como Hegel, a existência de um espírito do tempo diferente em cada época e em cada sociedade, mas faz uma análise materialista deste espírito do tempo. Para Hegel, é o que ele chama de ideia universal, ou seja, o espírito do tempo que antecede a existência material, que governa o mundo, apenas se expressando de formas diferentes em cada época. Para Marx, pelo contrário, este espírito universal não existe, assim como não existe o conhecimento transcendental tal como definido por Kant.

Existe, para ele, apenas o conhecimento derivado da existência material do ser humano, sendo que este conhecimento deve ter como objetivo a transformação revolucionária desta existência. Em um pequeno texto publicado em 1847, chamado Teses sobre Feuerbach, Marx afirma: “Os filósofos, até agora, se limitaram a compreender o mundo. Trata-se, porém, de transformar o mundo”. Mas, o que ele quis dizer, com isto? Para compreendermos isto, vamos fazer uma rápida comparação entre as obras de Dewey e Marx e entre os objetivos propostos por cada um deles.

Dewey busca superar o dualismo cartesiano, ou seja, a dualidade entre espírito e matéria descrita por Descartes, defendendo a criação de uma pedagogia capaz de unir pensamento e ação, fazendo assim, com que o pensamento se transforme em instrumento de transformação do mundo. Marx, por seu lado, também busca superar a dualidade cartesiana, mas através de outro caminho. A filosofia, para ele, deve se

transformar em caminho para o surgimento de uma revolução capaz de transformar materialmente o mundo, não se limitando mais a apenas compreendê-lo. Com isto, a filosofia se transforma em meio de ação, superando a si própria como forma de compreensão do mundo.

A Filosofia propiciou, ao longo do seu desenvolvimento, a formação de sujeitos críticos que pensam e questionam sobre as coisas. Suas contribuições para as diversas áreas do conhecimento são inestimáveis.

A Filosofia possibilita a compreensão de questões relevantes na atualidade como ética profissional, relações de poder, ética na política, usos da tecnologia, dentre outras. O mais interessante é que o pensamento filosófico de épocas passadas ainda se mostra atual como é o caso da obra de Aristóteles, Rousseau, Weber e Marx, por exemplo, que se somam ao pensamento filosófico da contemporaneidade como os pensamentos de Gramsci, Karl-Otto Apel e Marilena Chauí.

Interessados em aprofundar seus conhecimentos sobre as contribuições da Filosofia para a sua área de formação e atuação profissional, faça leitura dos livros e textos indicados ao longo deste texto e ou consulte as referências que fazem parte do plano de ensino da disciplina.

Bons estudos!

SUGESTÃO DE FILME:

O MERCADOR DE VENEZA

Na cidade de Veneza, no século XVI, Bassanio (Joseph Fiennes) pede a Antonio (Jeremy Irons) o empréstimo de três mil ducados para que possa cortejar Portia (Lynn Collins), herdeira do rico Belmont. Antonio é rico, mas todo seu dinheiro está comprometido em empreendimentos no exterior. Assim ele recorre ao judeu Shylock (Al Pacino), que vinha esperando uma oportunidade para se vingar de Antonio.

O agiota impõe uma condição absurda: se o empréstimo não for pago em três meses, Antonio dará um pedaço de sua própria carne a Shylock. A notícia de que seus navios naufragaram deixa Antonio em uma situação complicada, com o caso sendo levado à corte para que se defina se a condição será mesmo executada.

https://www.youtube.com/watch?v=iBfJzesvf60

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

1. (FGV/RJ) Podem ser apontados como traços característicos da Renascença:

a) A exaltação dos valores culturais medievais e o humanismo.
b) A sua associação com o mecenato e o pensamento preponderantemente teocêntrico.
c) O antropocentrismo e a preocupação com valores individuais.
d) O acatamento da autoridade do pensamento escolástico e o teocentrismo.

2. (UFF/RJ) Dentre os temas desenvolvidos pela cultura renascentista há um que se mantém presente até hoje – a utopia – despertando atenção, principalmente, em finais do século. Assinale a opção que se refere à ideia de utopia defendida no século XVI.

a) A ideia de utopia como tema central dos manuais de escolástica que se transformou no valor político mais importante da Igreja romana.
b) A ideia de utopia expressa por São Francisco de Assis, nas suas lições sobre a natureza dos homens e dos animais.
c) A ideia de utopia que revelava o caráter de oposição da Igreja ao novo tempo mundano e secular da renascença.
d) A ideia de utopia apresentada por Maquiavel em sua obra: O Príncipe, na qual defendeu o republicanismo.

3. (UFGV/RJ) Podem ser apontados como traços característicos da Renascença:

a) A exaltação dos valores culturais medievais e o humanismo.
b) A sua associação com o mecenato e o pensamento preponderantemente teocêntrico.
c) O antropocentrismo e a preocupação com os valores individuais.
d) O acatamento da autoridade do pensamento escolástico e o naturalismo.

4. (UDESC) Sobre o Renascimento, assinale a alternativa correta.
a) As chamadas grandes navegações não mantinham relação com o mundo renascentista.
b) Foi um movimento que coincidiu com a falência do Estado Absolutista.

c) Houve o envolvimento de todas camadas, principalmente dos segmentos mais populares.
d) Inspirados nos valores greco-romanos, os artistas criaram uma arte inovadora.

5. Na filosofia moderna, entre os vários discutidos, pode-se dizer que estão em destaque a Política e o direito. Estes temas foram pensados por Immanue Kant. Este autor entendia que a filosofia devia se colocar ao lado dos interesses do homem. Nesta linha de pensamento, pode-se chegar ao problema da liberdade. Para Kant, a liberdade é

a) agir segundo as máximas através das quais se possa, ao mesmo tempo, querer que elas se transformem em uma lei geral.
b) fazer o que se quer, quando e onde se quiser.
c) não estar impossibilitado fisicamente de ir-e-vir.
d) não estar submetido a nenhuma lei, seja sua, ou do Estado.

6. Na Idade Moderna houve vários movimentos intelectuais que representavam novas posturas diante de vários métodos de conhecimento adotados. Um destes movimentos, por exemplo, tinha como lema “denunciar todas as ideias obscura, dogmáticas, autoritárias que impediam o crescimento dos homens e a solução dos problemas sociais. Esses intelectuais acreditavam na capacidade racional de todos os homens, quando livres da opressão do medo e das superstições” (CHALITA, Gabriel, 200:270)

O movimento exemplificado acima é conhecido como:

a) Empirismo.
b) Iluminismo.
c) Racionalismo.
d) Renascimento.

GABARITO

1	2	3	4	5	6
C	C	C	D	A	B

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2008.

NUNES, B. **A Filosofia contemporânea:** trajetos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2001.

ROSA, L. de R. **Disciplina, o princípio da educação em Kant**. Congresso Internacional de Filosofia e Educação – V CINFE, Caxias do Sul/RS, maio de 2010.

SEVERINO, A. J. **A Filosofia contemporânea no Brasil:** conhecimento, política e educação. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

Ilustrações disponíveis em https://www.google.com.br/search?q=imagens=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=MLx7UpHCEOjQsAS0wIDADg&ved=0CCsQsAQ&biw=1024&bih=668. Acesso em 05/11/13.

UNIDADE VI – A PÓS-MODERNIDADE E SEUS REFLEXOS NA VIDA HUMANA

Objetivos:

- Entender o conceito de pós-modernidade e sua complexidade.
- Perceber os reflexos do debate da pós-modernidade no perfil da vivência humana.

A sociedade pós-moderna

As Ciências Humanas de maneira geral tentam acompanhar e, na medida do possível, responder aos vários desafios que tantos processos macro políticos, quanto às estruturas da vida cotidiana têm imposto no atual contexto da globalização.

Já perceberam como nossa vida passa rápido e mal temos tempo para conversar com os amigos? É este o perfil do homem atual, tão bem representada na música ao lado de Paulinho da Viola.

Parte significativa destas teorias que tentam entender as mudanças neste mundo globalizado, especialmente aquelas engendradas a partir dos anos 60, ou consistem em desdobramentos dos grandes paradigmas herdados da modernidade, ou sem negar sua importância, e até incorporando como pressuposto boa parte dos seus avanços, tem-se aberto para novos horizontes.

Sinal Fechado

Paulinho da Viola

Olá, como vai ?
Eu vou indo e você, tudo bem ?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você ?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe ...
Quanto tempo... pois é...
Quanto tempo...
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona ?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe ?
Quanto tempo... pois é... (pois é... quanto tempo...)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente
Pra semana
O sinal ...
Eu espero você
Vai abrir...
Por favor, não esqueça,
Adeus...

Geralmente estas presunções estão vinculadas às razões estruturais geradas pelas desigualdades sociais, econômicas e políticas, na tentativa de responder ou mesmo de aproximar das causas da persistência destas disparidades, bem como suas possibilidades de sua transformação.

Cenário de pobreza

Cenário de riqueza

No que diz respeito a todas as dificuldades encontradas nas sociedades "globalizantes" "*é absolutamente correto afirmar que todas as sociedades modernas e pós-moderna atuais estão envolvidas em um redemoinho de mudanças que une, cada vez mais estreitamente, destinos e desígnios*" (KUMAR,1997, p.7).

Está ai a origem do problema relacionado à dificuldade conceitual ente todos os paradigmas que assolam o mundo na atualidade. As mudanças que aconteceram e acontecem na história humana, se dão de forma rápida, de modo que ao piscarmos os olhos, muita coisa que ora se apresentava, pode ter sofrido mudanças nas suas estruturas e geralmente essas mudanças estão ligadas diretamente à nova configuração global de poder.

Queremos dominar tudo e a todos!

O debate sobre o pós-modernismo, apesar de ser considerado por alguns como "obsoleto", designa e reflete muito precisamente a crise de centralidade pelo qual passa o ocidente. Esta crise processa e redefine o conceito de diferença cultural a partir da descentralização.

Tentaremos na descrição abaixo, aproximar deste universo teórico, mesmo sabendo que o tema não esgota em si mesmo.

A MODERNIDADE COMO ANÁLISE CONCEITUAL: BREVES CONSIDERAÇÕES

Para Anthony Giddens (1991, p.11), o conceito de modernidade está relacionado ao estilo, ao costume de vida ou a organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, sob a qual se tornaram mais ou menos mundiais sob sua influência. Porém, o mesmo autor argumenta que no final do século XX, estamos no limiar de uma nova era, que nos leva além da própria modernidade.

Uma variedade de termos é utilizada na tentativa de explicar esta transição para um novo tipo de sistema social, ("sociedade de informação", "sociedade de consumo", "sociedade do risco", etc.). Nesta múltipla perspectiva, o termo modernidade, não daria mais conta de explicar todas as modificações sofridas pela sociedade contemporânea. Porém, Giddens observa que muitas das novas teorias atualmente existentes é o resultado de uma desorientação por não obter o conhecimento sistemático sobre a organização social, pelo fato de não compreendermos plenamente e que parece estar fora do controle humano.

Vemos assim, que o homem se desorganiza pelo fato de não ter controle de toda complexidade filosófica.

Nesta mesma direção caminha Krishan Kumar (1997, 78-79) por alegar que tais conceitos, como pós-industrialismo, pós-fordismo é "*basicamente um conceito de "contrastes", ou seja, o significado fundamental do pós-modernismo tem que ser que não há modernismo, não há modernidade". "A modernidade acabou*". Isto não quer dizer que estamos vivendo uma era inteiramente nova.

Sem rupturas gritantes, mas com continuidades históricas, toda transformação tem que ser entendida e observada em seu tempo, espaço e lugar. Desta forma, o termo Modernidade, quando utilizado historicamente, tem que ser entendido como uma modificação nas atividades econômicas, políticas, sociais, ideológicas, culturais, em ritmos e proporções bastante diferenciados entre si.

Somos filhos do processo histórico!
Já perceberam como somos diferentes na maneira de pensar dos nossos pais e avós????

De acordo com Francisco Falcon e Antônio Edimilson Rodrigues (2006, p.2),

> “A i*déia de moderno significa apenas, em sua acepção mais ampla, de hoje, do momento atual, sendo plausível supor que para os homens dos séculos XV e XVI a visão de seu próprio tempo como moderno contivesse um certo sentido de diferença absoluta em relação ao tempo anterior e, ao mesmo tempo, de começo de um tempo totalmente novo. Generalizou-se então, a partir dessas idéias, típicas da autoconsciência renascentista, a alusão ao assim chamado início dos Tempos Modernos, ou ainda ao começo ou surgimento da modernidade.*”

Ainda que critique esta sociedade pós-moderna em alguns pontos e de fato não assuma todas as teses dessa vertente, como as asserções a respeito do fim da história, fim dos conflitos e principalmente da inviabilidade da compreensão racional dos mecanismos sociais, a sociedade pós-industrial longe de acabar com os conflitos, generaliza-os (TOURAINE, 1999).

Notem vocês que tendemos a criar atrito por tudo. Países, estados e cidades entram em conflitos para demonstrar sua força e poder. Guerrilha-se para demonstrar sua soberania. Nós mesmos criamos desentendimentos para demonstrar nossa força, nossa individualidade e isso muitas vezes nos leva ao caos existencial.

Naturalmente, o investimento cultural na realidade universal e na ciência, exigiu restrições da liberdade individual. Harvey (1993, p. 23) observa que “*há a suspeita de que o projeto do Iluminismo estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca de emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana*”. Já não parece visível que a investigação científica possa afiançar o que quer que seja.

Assim, a partir do momento em que as expectativas criadas não puderam e não podem realizar integralmente sugiram as frustrações, o relativismo; o que não isentou o homem de sua própria exigência de crítica à modernidade: “*as sementes do niilismo estavam no pensamento iluminista desde o início*” (GIDDENS, 1991,54). Estas ideias estavam encubadas durante a modernidade e se fizeram em vida no século XX.

De acordo com Marshall Berman (1982, p. 13 a 17) “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição”, “*é ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador.*” “*Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo que é sólido se desmancha no ar’.”* Esta maneira de ver a modernidade leva o autor afirmar que no século XX, - o que ele chamará de terceira fase da história da modernidade - o processo se expande para todo mundo, e a cultura do modernismo atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento, o que consequentemente levaria a ideia de modernidade à fragmentação e a perda de nitidez, ressonância e profundidade e perda da capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas.

Percebem como o conceito de modernidade e pós-modernidade é complexo? Porém, fica claro que eles estão ligados diretamente ao estágio atual vivido pelo homem, que busca a compreensão de tudo e de todos e muitas vezes não compreende a si mesmo.

Vários outros autores irão moldurar esta sociedade tida como moderna vista por alguns como um período de destruição do ego, o desejo e a busca pelo consumo, (TOURAINE, 1994) outros a veem como fim das utopias, perda na crença do progresso e na dissolução das narrativas (GIDDENS, 1991). Outros autores ainda veem-na como algo não tão sofredor ou mesmo sarcástico (ALEXANDER, 1995).

Na verdade, são estudiosos que estão pensando seu tempo e utilizam das teorias para tentar entender todas as transformações que vão assolar o mundo atual. Porém, o efeito da desilusão dos sonhos alimentados na modernidade, apresenta-se nos mais diversos campos de produção cultural, como arte, filosofia, arquitetura, moral, educação, etc.

Se o próprio conceito de modernidade é complexo, o prefixo “pos”, pode complicá-lo ainda mais.

Kumar alega que o “pós” da pós-modernidade é ambíguo, por articular problemas de diversas áreas e pode significar um novo estado de coisas por referir ao que vem depois, como pode sugerir *post*, ou fim, término (KUMAR, 1997, p. 79).

Baseado em um ceticismo radical no futuro humano, Jean-François Lyotard (2004, p.XVI), considera o conceito de “pós-moderno” a incredulidade em relação aos metarrelatos, consequência da crise por que passa a filosofia metafísica e da instituição universitária que dela depende.

Por outro lado, Habermas (1992, p.118) relaciona o conceito de pós-modernidade a tendências políticas e culturas neoconservadoras, determinadas a combater os ideais iluministas. Neste sentido, compreende a modernidade como um projeto inacabado, sugerindo que “*deveríamos aprender com os desacertos que acompanham o projeto*”.

Numa perspectiva de crítica literária e histórica, Frederic Jameson(1996, p. 13-25), define o pós-modernismo como um período de transição entre dois estágios do capitalismo, no qual as formas anteriores do econômico estão num processo de reestruturação em escala global, incluindo as formas antigas de trabalho e suas instituições e conceitos organizacionais tradicionais.

Para este autor, o pós-modernismo “*não é a dominante cultural de uma ordem social totalmente nova*”, mas “*o reflexo e aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo*” (JAMERSON, 1996, p.16). Desta forma, é possível encontrar vestígios de “velhos modelos” que podem reaparecer com características culturais transformadas ou mesmo reproduzidas na atualidade.

Você já notou isso ao seu redor? Seria possível dar exemplos de modelos ou hábitos de vida antigos que permanecem presentes na atualidade?

Ao contrário dos autores anteriores, filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004) prefere o termo “hipermodernidade”, por considerar não ter havido de fato uma ruptura com os tempos modernos. Os tempos atuais são para ele modernos com uma exacerbação de certas características das sociedades modernas, tais como a fragmentação do tempo e espaço e o individualismo. A pluralidade de opções de estilos de vida vai trazer o mal estar, não é a falta de relação, mas a multiplicidade de escolha.

David Harvey (1992, p. 47) trata a “condição de posmodernidade” através de uma série de contrastes entre o que denomina de “modernidade fordista” e “posmodernidade flexível” e pergunta se o pós modernismo não seria apenas uma revolta no interior do modernismo contra o “alto modernismo”, ou um estilo de um conceito periodizado, ou mesmo, se ele teria um potencial revolucionário, de crítica as metanarrativas e

capacidade de dar voz as minorias, ou ainda, se não passa de comercialização e domesticação do modernismo.

Ulrick Beck (1998, cap. 1 a 3) defende enfaticamente a opinião de que a sociedade moderna não acabou por ela voltar para si mesma, não em um momento posterior, mas uma continuação dela, muito embora não seja um pós-moderno. Em sua opinião, as sociedades modernas chegaram a um nível de alta modernidade e alto grau de radicalização no qual tem como característica dominante uma alta reflexibilidade.

Assume o autor o argumento de que a sociedade é repleta de riscos, seja na política, na educação, na organização social; o que levaria ao individualismo, ao desemprego massivo e a pobreza humana e a sociedade dos autônomos.

As opiniões e a busca por uma melhor teoria que se adaptem as explicações da vida humana, não têm um consenso próprio, porém, fica evidente que "em *contraste com a crença no progresso e na razão da era moderna, a era pós-moderna caracterizava-se pelas crenças e sentimentos de irracionalidade, indeterminação e anarquia*" (KUMAR, 1997, p.118).

No pós-modernismo haverá um processo contínuo de "des-diferenciação", cujas origens são encontradas em todas as mudanças originadas nas décadas de 1950 e 1960. De acordo com Krishan Kuman (1997, p. 128), estas mudanças são encontradas primeiramente nas esferas culturais, como na ética, na estética e na teoria, perdem sua autonomia. Em segundo lugar não é mais possível separar o reino cultural do social, ou seja, as novas classes médias dependem não mais do poder político ou econômico, mas da exibição de símbolos culturais. E por último a cultura não é mais separada do econômico, "cultura e comércio se fundem e se alimentam de forma recíproca".

Assim, houve o que o autor vai chamar de "sociedade do consumo". Se outrora, o consumo era apenas uma consequência da mercadoria, hoje houve uma reversão nesta lógica: é preciso produzir os consumidores, não apenas para a cultura de "massa", mas também para a "elite" (KUMAN, 1997, p. 128). O consumo mergulha assim, num sonho e numa preocupação com o estilo de vida.

Consequentemente, uma influência importantíssima nesta imersão humana sobre consumo pós-moderno, é a cultura produzida e propagada pelos meios de comunicação de massa, que de fato substituem o sentido do real das imagens produzidas, transmitindo um poder difuso e nebuloso.

Observe as propagandas diárias que se fazem presentes na nossa vida. Observe como ela nos molda, controla e impõe!!!!

Todavia, se esta cultura tem uma moldura baseada nos costumes dominantes, as autonomias culturais surgem num turbilhão de imagens que são engolidas por um amontoado de informações que se chocam muitas vezes com a formação cultural de um grupo. [1]

Neste sentido, o homem muitas vezes se vê alienado envolvido por uma onda de interesses, não alcançáveis, apelando para o que bem entender. A situação torna-se mais aguda e dispersa entre imagem e realidade, na medida em que as tecnologias de informação se tornam mais sofisticadas, o que de fato, refletem no comportamento e na vida social.

FINALIZANDO!

Nesta unidade trouxemos algumas discussões acerca do interesse que as teorias pós-modernas buscam para explicar a sociedade em que vivemos. Este instrumental teórico, pelo visto, possibilitam o desenvolvimento de um pensamento sem amarras, na tentativa de observar esta realidade em função das potencialidades da perspectiva humana.

Alguns autores são mais severos quanto ao destino da humanidade, outros mais amenos. Neste sentido, a busca é também a necessidade individual de extrapolar a diferença, causada pela fragmentação do pensamento humano, ligando-a a um contexto mais amplo. Como nos dizeres de Lyotard (2004), é necessário *extrapolar o incomensurável*.

Lembrar os modernistas dos séculos passados pode ser que nos dê, como observado por Berman, "*uma visão e a coragem para criar os modernistas do século XXI*" (BERMAN, 1992, p. 35), para assim poder seguir adiante. Voltar às origens e criticá-las pode ser uma forma de nutrir, de renovar, para enfrentar os perigos que possam surgir, para, então, poder fazer uma crítica as modernidades de hoje. '

[1] Para maiores detalhes ver CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. (Volume I). São Paulo: Paz e Terra, 1999. RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso*. São Paulo: Makrin Books, 2001.

REFERÊNCIA

ALEXANDER, Jeffrey C. *Fin de siécle social theory. Relativism, reduction, and the problem of reason.* Londres: Verso, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BECK, Ulrick. *La sociedad del riesgo. Hacia uma nueva modernidad*. Barcelona, Buenos Aires, México, 1998. cap.1 a 3

BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial – Uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Cultrix, 1973.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar – A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. (Volume I). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHEVITARESE, L. As 'razões' da Pós-modernidade. In: *Anais do I SAF-PUC*-RJ, 2001.

FALCON, Francisco; RODRIGUES, Antônio Edmilson. *A formação do Mundo Moderno. A construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVII*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

GIDDENS, As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

HABERMAS, J. Modernidade – um projeto inacabado. In: ARANTES, O.; ARANTES, P. *Um ponto cego no projeto moderno de Jünger Habermas*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

HARVEY, David. *A condição da pós-modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos – o breve século XX (1914-1991*). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMESON, Frederic.*Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo:Ática, 1996. (Introdução p. 13-25)

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós industrial a pós-moderna. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004 (Introdução e Capítulos 1 a 5 – p XV a 34).

RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso*. São Paulo: Makrin Books, 2001.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidad*e. Petrópolis: Vozes, 1999.